

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ DEPARTAMENTO  
ACADÊMICO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO DEPARTAMENTO  
ACADÊMICO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS CURSO DE  
LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS**

**MAYARA QUADROS DE ANDRADE**

**A ATITUDE CONTESTADORA DE ELIZABETH BENNET FRENTE À  
SOCIEDADE DO SÉCULO XIX EM ORGULHO E PRECONCEITO DE  
JANE AUSTEN**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**CURITIBA**

**2013**

**MAYARA QUADROS DE ANDRADE**

**A ATITUDE CONTESTADORA DE ELIZABETH BENNET FRENTE À  
SOCIEDADE DO SÉCULO XIX EM ORGULHO E PRECONCEITO DE  
JANE AUSTEN**

Trabalho de Conclusão de Curso,  
apresentado à disciplina de Trabalho de  
Conclusão de Curso II, do Curso Superior  
de Licenciatura em Letras Português –  
Inglês da Universidade Tecnológica Federal  
do Paraná, como requisito  
parcial para obtenção do título de  
Licenciado.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Regina Helena  
Urias Cabreira

**CURITIBA  
2013**



Ministério da Educação  
**Universidade Tecnológica Federal do Paraná**  
Campus Curitiba  
Departamento Acadêmico de Comunicação e Expressão  
Departamento Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas  
Licenciatura em Letras Português - Inglês



---

## TERMO DE APROVAÇÃO

A ATITUDE CONTESTADORA DE ELIZABETH BENNET FRENTE À SOCIEDADE  
DO SÉCULO XIX EM ORGULHO E PRECONCEITO DE JANE AUSTEN

por

MAYARA QUADROS DE ANDRADE

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi apresentado em 23 de setembro de 2013 como requisito parcial para a obtenção do título licenciada em Letras Português – Inglês. A candidata foi arguida pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Regina Helena Urias Cabreira  
Orientadora

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Márcia Regina Becker,  
Membro titular

---

Prof<sup>ª</sup>. Noemi H. B. Perdigão, MSc.  
Membro titular

- O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Curso -

Dedico com amor à minha mãe: Arlete. Dedico com carinho a todas as mulheres que encontraram seu espaço, sua voz. Dedico com igual paixão àquelas que diariamente buscam e procuram seu lugar. Dedico com esperança às mulheres que se esfacelaram sem saber do seu real lugar ou o limite de seus sonhos.

## AGRADECIMENTOS

Com tanto para agradecer e tão pouco espaço para dedicar minha eterna gratidão a pessoas tão especiais para mim, peço desculpas àquelas que não estão presentes entre minhas palavras. A todas estas pessoas gostaria de dizer que fazem parte do meu pensamento e gratidão.

Agradeço à minha família por todo o incentivo, amizade, carinho e amor.

À minha orientadora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Regina Helena Urias Cabreira, pelo apoio incondicional e liberdade de escolha e expressão.

Às professoras Márcia Becker e Noemi Perdigão, não somente pelas contribuições e leitura deste trabalho, mas também por todo o carinho e dedicação para com os alunos que passaram e passarão por suas aulas e trajetória acadêmica.

À minha Prof<sup>a</sup> de TCC, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andréia Rutiquewiski Gomes, por todo carinho, dedicação e amor por seus alunos e profissão.

Aos meus amigos e colegas de sala pelo companheirismo nesta nossa trajetória.

À Secretaria do Curso, pela cooperação.

Agradeço a todos os que de alguma maneira contribuíram para a realização desta pesquisa.

— Aí vem ela — continuou Mrs. Bennet. —  
Tão despreocupada como se estivéssemos em  
York! Tudo lhe é indiferente, contanto que ela  
faça a sua vontade. Mas eu vou lhe dizer uma  
coisa, Miss Lizzy: se você continuar a recusar  
todas as propostas de casamento deste modo,  
nunca encontrará um marido. E eu não sei  
quem vai sustentá-la depois que o seu pai  
morrer. Eu não posso, estou lhe avisando. Não  
tenho mais nada a ver com você a partir de  
hoje. Já disse na biblioteca que nunca mais lhe  
falarei. Pode ficar certa de que cumprirei a  
minha palavra. Não tenho nenhum prazer em  
falar com filhos rebeldes. Aliás, não tenho  
prazer em falar com  
ninguém. Pessoas que sofrem dos nervos como  
eu não têm grande inclinação a falar. Ninguém  
pode saber o que eu sofro! Mas é sempre assim,  
quem não se queixa não encontra compaixão.  
(AUSTEN, 1982, p. 107)

## RESUMO

Os séculos XVII, XVIII e XIX foram o cenário de grandes revoluções como o Iluminismo (1650 – 1700) e a Revolução Francesa (1787 – 1799) surgidos na França e a Revolução Industrial (1789 – 1848), na Inglaterra. Os valores aristocráticos não mais dominavam e a ascendente sociedade burguesa da época ansiava por novos conceitos sociais. O Iluminismo foi o grande precursor de valores racionais, nele os homens encontraram diversas respostas, porém a mulher estava à parte disso tudo, possuindo somente o papel de espectadora. A educação da mulher neste período, e até final do século XIX, sempre fora muito deficiente. A educação que recebia servia para manter seu papel de dona de casa, uma vez que era responsabilizada pela saúde do lar, marido e filhos. As moças deveriam desde muito cedo aprender a lidar com as questões da casa e da religião, além de saber pintar, bordar e desenhar. Percebemos, no entanto, que Jane Austen, em suas obras, apresenta uma mulher quase que avessa aos valores que são esperados dela. Observamos que a personagem Elizabeth Bennet, em *Orgulho e Preconceito* (1813), simboliza a mulher racional, contrária ao papel feminino da época, incisiva e contestadora. Desse modo, abordaremos esse aspecto presente na obra de Jane Austen e na então sociedade burguesa inglesa do século XIX. Para tanto serão utilizadas as obras teóricas de Candido (2006), Hobsbawm (1997), Perrot e Duby (1994), Perrot (2005), Scott (2002), Woollstonecraft (1999), Showalter (2011), Amaro (2009), Ramos (2002), Rodrigues (2001), Morais (1999), Foucault (2009), Mill (2006), Copeland e Macmaster (2011) Auerbach (1984), Cabreira (2012) e Morgan (1975).

**Palavras-chave:** Revoluções. Mulher contestadora. Educação. Jane Austen. Elizabeth Bennet.

## ABSTRACT

The seventeenth, eighteenth and nineteenth centuries were the scene of great upheaval as the Enlightenment (1650 - 1700) and the French Revolution (1787 - 1799) in France and the Industrial Revolution (1789 - 1848) in England. The aristocratic values were no longer dominating and the ascending bourgeois society of the time longed for new social concepts. The Enlightenment was the great forerunner of rational values, men found several answers in it, but women were apart from it all, possessing only the spectators' role. Women's education at that period, and until late nineteenth century, had always been very poor. The education they received was used to maintain their roles as housewives, since they were responsible for the home, the husband and the children's wellbeing. Very early should the girls learn to deal with home and religious issues, as well as learn to paint, sew and draw. We realize, however, that in her works Jane Austen features a woman almost inimical to the values expected from her. We observe that the character Elizabeth Bennet in *Pride and Prejudice* (1813), symbolizes the rational woman for she is incisive and disruptive, contrary to the female role of the time. Thus, we will address this aspect present in Jane Austen's work and in the English bourgeois society of the nineteenth century. For the theoretical approach we will study the ideas of Candido (2006), Hobsbawm (1997), Duby and Perrot (1994), Perrot (2005), Scott (2002), Woollstonecraft (1999), Showalter (2011), Amaro (2009), Ramos (2002), Rodrigues (2001), Morais (1999), Foucault (2009), Mill (2006), Copeland Macmaster (2011), Auerbach (1984), Cabreira (2012) and Morgan (1975).

**Key words:** Revolutions. Disruptive woman. Education. Jane Austen. Elizabeth Bennet.

## SUMÁRIO

<b>1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>10</b>
<b>2 CONTEXTUALIZAÇÃO LITERÁRIA.....</b>	<b>13</b>
2.1 LITERATURA EM CONTEXTO.....	13
2.2 GRANDES REVOLUÇÕES X GRANDES REPERCUSSÕES.....	16
2.3 O PODER DE TRANSFORMAÇÃO DA MULHER.....	20
2.4 A FIGURA FEMININA ENQUANTO ESCRITORA.....	25
<b>3 A MULHER CONSTESTADORA E “REBELDE”: A MULHER LIBERTA...31</b>	
3.1 JANE AUSTEN: MULHER ESCRITORA.....	31
3.2 ORGULHO E PRECONCEITO: AUSTEN NAS ENTRELINHAS.....	36
3.3 ELIZABETH BENNET: COM ORGULHO, MAS SEM PRECONCEITO.....	48
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>59</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>62</b>

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Hoje, sabemos que a educação, além de ser um direito de todos os cidadãos, é fundamental em qualquer estágio de nossas vidas. Através da instrução-educação podemos conciliar um status social e cultural favorecido e, instruídos por mentores ou professores, por vezes passamos a enxergar o mundo com olhos críticos e, assim, somos capazes de exigir e coexistir com nossos direitos perante a sociedade. Antes, porém, quando observamos o princípio do surgimento do sistema integrado educacional no início do século XIX, na Inglaterra, percebemos que ele não era uma instituição sólida e democrática, sendo legado, portanto, a uma parca parcela populacional, cuja totalidade consistia em cidadãos do sexo masculino e, somente aqueles poucos de famílias abastadas. As mulheres, inicialmente, por mais que possuíssem prestígio econômico, eram excluídas desse sistema.

Acerca desse início, o surgimento da instrução como um sistema integrado na Inglaterra do século XIX, depreendemos que a educação racional iluminista, em voga na época e difundida em grande escala na França, foi refletida de maneira fundamental nos demais países europeus. A educação como papel transformador da sociedade, de fato existia, porém era direcionada aos homens, uma vez que a mulher inglesa, da primeira metade do século XIX, deveria aprender outros valores, somente aqueles pré-estabelecidos e restritos, como a pintura e a dedicação exclusiva ao lar.

Em um cenário de profundas transformações de valores que ocorriam nesse período na Europa, influenciadas não somente pelo Iluminismo (1650 -1700), mas também pelas grandes revoluções, como a Francesa (1787- 1799) e a Industrial (1789-1848), vislumbramos uma Inglaterra propícia a grandes mudanças, que repercutiriam no mundo de hoje, especialmente com relação à educação e instrução feminina.

No período de transição entre os séculos XVIII e XIX, presenciamos a ascensão de Jane Austen (1775 – 1817), uma britânica nascida em Steventon, Inglaterra, cujo pai era um clérigo, tutor que recebia e educava meninos e jovens rapazes em seu lar. Seu pai, família e círculo de amigos lhe proporcionaram diversas oportunidades com relação ao acesso a livros e incentivo em sua carreira profissional. Austen, em *Orgulho e Preconceito* (1813), criou a personagem Elizabeth Bennet, que julgamos, assim como Austen, ser uma mulher arrojada, já que a personagem não tolerava a limitação de tarefas intelectuais, as quais eram esperadas e resguardadas às mulheres de seu tempo.

Muitas passagens nas obras de Austen dedicam-se àquilo que é esperado de uma mulher da época: os afazeres domésticos no caso de mulheres de baixa renda e o gosto pela leitura e música, no caso de mulheres de famílias abastadas. Observamos, porém, que grande parte de suas heroínas não estava de fato interessada por seguir os ditames de sua esfera social. Austen, em seus romances, como *Razão e Sensibilidade* (1811), *Orgulho e Preconceito* (1813) e *Emma* (1815), propõe uma educação liberal para a mulher, independente de todas essas habilidades. Portanto, através de Elizabeth Bennet podemos vislumbrar questões como os problemas relacionados à educação, cultura, moral e casamento, os quais a personagem enfrenta na sociedade aristocrática do início do século XIX, na Inglaterra. Para nós, Elizabeth é a personagem que questiona se existe uma mulher capaz de possuir todas as qualidades da mulher idealizada socialmente; a personagem Elizabeth enfrenta e afronta o papel da mulher da época e, por vezes, se destaca por sua rebeldia em não aceitar valores pré-estabelecidos como normas a todas as mulheres.

A partir desse contexto, o presente estudo tem como foco explorar por que esta mulher é assim; uma mulher que ousa e por vezes é “rebelde”; que tem voz e que questiona seus direitos quando inserida em um ambiente de educação. Nossa meta consistirá em contextualizar a figura e o papel da mulher na Inglaterra do século XIX; analisar a trajetória e o perfil feminino de Jane Austen na Inglaterra do século XVIII e XIX; assinalar a trajetória da instrução feminina no século XIX e verificar as divergências ou aderências de tais ideais na figura da personagem de Elizabeth Bennet. Optamos por trabalhar com essa personagem na medida em que ela se destaca por sua assiduidade intelectual quando em comparação a outras personagens presentes na mesma obra, como Charlotte Lucas; e também quando em comparação com outras heroínas presentes em outras obras de Austen.

Para tanto, no primeiro capítulo, dialogaremos com Candido (2006) para que possamos esboçar um panorama acerca da abordagem sociológica literária que utilizaremos em nossa análise; em seguida, estudiosos como Hobsbawn (1997), Morais (1999), Amaro (2009), Ramos (2002), Scott (2002), Woollstonecraft (1999), Perrot e Duby (1991), Perrot (2005) Foucault (2009) e Mill (2006), nos ajudarão a elucidar os movimentos históricos das grandes revoluções que ocorriam na Europa naquele momento, assim como a história da mulher no final do século XVIII e primeira parte do século XIX.

No segundo capítulo, analisaremos o movimento da instrução feminina no final do século XVIII e primeira parte do século XIX, neste segundo momento utilizaremos autores como Showalter (2011), resgatando o papel da mulher enquanto escritora; Copeland e Macmaster (2011) tratando de aspectos pertinentes à Jane Austen e Auerbach (1984), Morgan (1975) e Cabreira (2012) para analisarmos a figura de Elizabeth Bennet.

Acreditamos que a contribuição de nosso estudo esteja inserida na importância que o papel e a figura feminina assumem em toda sociedade e contexto social. Procuramos levantar questionamentos acerca do papel da mulher e sua educação. Assim como a confirmação de que a atitude intelectual inglesa feminina do século XIX cresceu e proliferou com o advento da instrução feminina, o acesso da mulher à leitura e à educação integrada, que não somente a doutrinária; provocando nessa mulher a atitude contestadora e questionadora de buscar um lugar diferente do que até então tinha para si. Pensamos que o papel da mulher sempre foi fundamental não somente para a família que dela dependia, mas também para a sociedade que mesmo a reprimindo, instigava sua luta e conhecimento. Nossas afirmações debruçam-se no fato de que, com o surgimento dessa mulher contestadora, vislumbrada respectivamente na sociedade por grandes autoras e personagens femininas, identificamos uma mulher que buscava assumir seus desejos e vontade; assim como seu espaço através da educação, adquirindo novos e conceituados valores em uma sociedade, onde antes, a mulher era a voz do silêncio.

## 2 CONTEXTUALIZAÇÃO LITERÁRIA

No presente capítulo, como já esboçado anteriormente, pretendemos ilustrar a abordagem teórico-literária com que trabalharemos, utilizando Candido (2006), assim como estabelecer o contexto histórico de alguns dos movimentos sociais que causaram grandes transformações na Europa, mais precisamente na Inglaterra do século XIX, com o auxílio de Hobsbawn (1997) e Morais (1999). Dentre os acontecimentos que perpassarão esse primeiro capítulo encontram-se também as questões femininas e feministas na história da vida da mulher inglesa, assim como aspectos de sua educação/instrução, as quais abordaremos através dos estudos de Amaro (2009), Ramos (2002), Scott (2002), Woollstonecraft (1999), Perrot e Duby (1991), Morais (1999), Perrot (2005) e Mill (2006). Ainda, neste capítulo nos propomos a ilustrar a figura feminina enquanto escritora nos finais do século XVIII e primeira parte do século XIX na Inglaterra através dos estudos de Showalter (2011) e Perrot (2005), Morais (1999) e Perrot e Duby (1991).

### 2.1 LITERATURA EM CONTEXTO

Hoje sabemos, e Candido (2006) reforça a idéia, que a integridade de uma obra não permitiria adotar visões dissociadas e que só a poderíamos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra; em que tanto o velho ponto de vista, que se explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o externo, o social, importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um papel na constituição da estrutura.

Entendemos que a partir da discussão de Candido (2006) acerca da literatura em contexto, a obra, a arte, poderia ser compreendida como um “ser” social dependente da ação de fatores do meio que modificará a conduta e a concepção do mundo, reforçando e conectando os sentimentos de sociedade.

Para o teórico, quando fazemos uma análise de interpretação estética que assimila a dimensão social como fator de arte, podemos dizer que levamos em conta o elemento social, não exteriormente, como referência que permite identificar, na matéria

do livro, a expressão de certa época ou de uma sociedade determinada; nem como enquadramento, que permite situá-lo historicamente; mas como fator da própria construção artística, estudado no nível explicativo e não ilustrativo.

Em seu estudo, Candido (2006) procura evitar novos dogmatismos, lembrando sempre que a crítica atual, por mais interessada que esteja nos aspectos formais, não pode dispensar nem menosprezar disciplinas independentes como a sociologia da literatura e a história literária sociologicamente orientada. Bem como toda a gama de estudos aplicados à investigação de aspectos sociais das obras — frequentemente com finalidade não literária.

Para o autor, dentre os tipos de análise de uma obra literária, há o da sociologia, que consiste no estudo da relação entre a obra e o público, isto é, o seu destino, a sua aceitação, a ação recíproca de ambos. Afirma que quando o autor aborda o problema histórico da aceitação pública através do tempo, surge uma variante geralmente menos sociológica e mais baseada nos levantamentos tradicionais da erudição.

Outro tipo de análise, segundo Candido (2006), seria o que se situa quase que exclusivamente dentro da sociologia e que, por sua vez, estuda a posição e a função social do escritor, procurando relacionar sua posição com a natureza de sua produção e ambas com a organização da sociedade. O autor também explica o tipo de análise que investiga a função política das obras e dos autores, em geral com intuito ideológico marcado, afirmando que todas estas modalidades de análise e suas numerosas variantes são legítimas quando bem conduzidas.

Para Candido (2006) as análises supracitadas também são fecundas, na medida em que as tomamos, não como crítica, mas como teoria e história sociológica da literatura, ou como sociologia da literatura, embora, enfatize que algumas delas satisfaçam também as exigências próprias do crítico. Porém, em todas Candido (2006) destaca que notamos o deslocamento de interesse da obra para os elementos sociais que formam a sua matéria, para as circunstâncias do meio que influíram em sua elaboração ou para sua função na sociedade.

A literatura, de acordo com Candido (2006), seria coletiva na medida em que requer uma comunhão de meios expressivos, a palavra, a imagem e mobiliza afinidades profundas que congregam os homens de um lugar e de um momento, para chegar a uma "comunicação". Para o autor não há literatura enquanto não houver essa congregação

espiritual e formal, manifestando-se por meio de homens pertencentes a um grupo, embora ideal, segundo um estilo, embora nem sempre tenham consciência dele; nem enquanto não houver um sistema de valores que dê sentido à sua atividade; enquanto não houver um público apto a criar ressonância a uma e outra; enquanto não se estabelecer a continuidade, uma transmissão e uma herança que signifique a integridade do espírito criador na dimensão do tempo.

O primeiro passo (que apesar de óbvio deve ser assinalado) é ter consciência da relação arbitrária e deformante que o trabalho artístico estabelece com a realidade, mesmo quando pretende observá-la e transpô-la rigorosamente, pois a mimese é sempre uma forma de *poiese*. (CANDIDO, 2006, p. 21)

Do excerto acima, percebemos que Candido (2006) acredita na transposição de aspectos sociais para uma obra, porém devemos ter em mente que nunca será a mesma coisa, a mimese. O autor acredita que ao aferir a uma determinada obra a realidade exterior para entendê-la é correr o risco de uma perigosa simplificação. Mas que se tomarmos o cuidado de considerar os fatores sociais no seu papel de formadores da estrutura, veríamos que tanto eles quanto os psíquicos são decisivos para a análise literária. O estudioso também justifica que pretender definir a integridade estética da obra sem uns e outros não seria o melhor caminho.

Com efeito, Candido (2006) defende que a atividade do artista estimula a diferenciação de grupos, que a criação de obras modifica os recursos de comunicação expressiva e as obras por sua vez, delimitam e organizam o público. Esclarece que vendo os problemas sob esta dupla perspectiva, percebemos o movimento dialético que engloba a arte e a sociedade num vasto sistema solidário de influências recíprocas.

Notamos que, levando em consideração o pensamento de Candido (2006), podemos vincular a obra de Jane Austen à sociedade inglesa do século XIX, uma vez que as obras da autora possuíam um público leitor e a transmissão de um sistema de valores, que por sua vez, dava sentido à sua atividade. As obras de Jane Austen são lembradas e perpetuadas até hoje, traduzidas em diversos idiomas ou sendo transpostas para as telas de cinema, creditando à sua autora a herança de uma das maiores escritoras de sua época.

## 2.2 GRANDES REVOLUÇÕES X GRANDES REPERCUSSÕES

Conforme mencionado nas considerações iniciais deste trabalho, buscaremos encontrar um paralelo entre as grandes revoluções da Europa do século XIX para que tenhamos respaldo necessário para afirmar, que com o surgimento das grandes revoluções, francesa e industrial, a população inglesa sentiu a necessidade de várias mudanças em diversos setores; buscamos também a confirmação de que com a ascensão de um sistema educacional baseado na razão, incitado por princípios iluministas na Inglaterra, obtivemos uma série de modificações, que influenciaram autores, como Jane Austen, em suas obras, pensamentos e crenças.

Acerca dos grandes acontecimentos e as consequências da industrialização, Hobsbawn (1997) esclarece que a Revolução Industrial<sup>1</sup>, que teve início no século XVIII, foi o mais importante acontecimento na história do mundo, pelo menos desde a invenção da agricultura e das cidades. Para o historiador, a grande revolução de 1789-1848 não fora a do triunfo da "indústria" propriamente dita, mas da indústria capitalista; não da liberdade e da igualdade em geral, mas da classe média ou da sociedade "burguesa" liberal; não da "economia moderna" ou do "Estado moderno", mas das economias e Estados em uma determinada região geográfica do mundo, que consistiam em parte da Europa e alguns trechos da América do Norte.

O autor exemplifica que, iniciada pela Grã-Bretanha, a certa altura da década de 1780, pela primeira vez na história da humanidade, foram retirados os grilhões do poder produtivo das sociedades humanas, que daí em diante se tornaram capazes da multiplicação rápida, constante, e até o presente ilimitada, de homens, mercadorias e serviços.

Hobsbawn (1997) afirma que qualquer que tenha sido a razão do avanço britânico, ele não se deveu à superioridade tecnológica e científica. Acredita que nas ciências naturais os franceses também estavam seguramente à frente dos ingleses,

---

<sup>1</sup> A revolução mesma, o "ponto de partida", pode provavelmente ser situada, com a precisão possível em tais assuntos, em certa altura dentro dos 20 anos que vão de 1780 a 1800: contemporânea da Revolução Francesa, embora um pouco anterior a ela. Revolução Industrial teve seu início na Inglaterra e compreendeu o período entre 1789 e 1848. (HOBSBAWN, 1997, p. 21)

vantagem que a Revolução Francesa<sup>2</sup> veio acentuar de forma marcante, pelo menos na matemática e na física, pois incentivou as ciências na França.

Nas ciências sociais, Hobsbawn (1997) exalta que os britânicos ainda estavam muito longe daquela superioridade que fez da economia um assunto eminentemente anglo-saxão; mas que a Revolução Industrial os colocou em um inquestionável primeiro lugar. Na época da revolução, a educação inglesa era uma piada de mau gosto para o historiador, que reconhece que suas deficiências eram, de fato, compensadas pelas duras escolas do interior e pelas universidades democráticas, turbulentas e austeras da Escócia calvinista<sup>3</sup>, as quais lançavam uma corrente de jovens racionalistas, brilhantes e trabalhadores, em busca de uma carreira no sul do país.

Hobsbawn (1997) observa que até mesmo as famílias aristocráticas que desejavam educação para seus filhos confiavam em tutores e universidades escocesas, uma vez que não havia qualquer sistema de educação primária antes que o Quaker Lancaster<sup>4</sup> lançasse uma espécie de alfabetização em massa elementar e realizada por voluntários no princípio do século XIX, selando para sempre a educação inglesa com controvérsias sectárias, já que existiam temores sociais que desencorajavam a educação dos pobres, conclui o estudioso. Na citação a seguir observamos a transformação do mundo agrícola, que sentiu os efeitos da industrialização, abrindo espaço para novas tecnologias e valores intelectuais.

O mundo agrícola era lerdo, a não ser talvez em seu setor capitalista. Já os mundos do comércio e das manufaturas, e as atividades intelectuais e tecnológicas que os acompanhavam, eram seguros de si e dinâmicos, e as classes que deles se beneficiavam eram ativas, determinadas e otimistas. (HOBSBAWN, 1997, p. 13)

O século XIX, segundo Morais (1999), iniciou recém-saído da Revolução Francesa, adentrando na Revolução Industrial, com uma acelerada urbanização, sem ter-se alcançado o objetivo da edificação de um sistema educacional satisfatório. Diz que

<sup>2</sup> A Revolução Francesa não deve ser considerada apenas uma revolução burguesa. Embora esta tenha sido a ideologia e a sua forma dominante, ela foi o produto da confluência de quatro movimentos distintos: uma revolução aristocrática (1787 – 1789), uma revolução burguesa (1789 – 1799), uma revolução camponesa (1789 – 1793) e uma revolução do proletariado urbano (1792 – 1794). (IGLÉSIAS, 1987, p. 15)

<sup>3</sup> João Calvino (1509 – 1564) acabou simpatizando com as novas idéias de Lutero que questionavam a hierarquia da Igreja Católica. [...] Para Calvino, assim como para Lutero e os demais Reformadores, a educação não era um fim em si mesma, ela era uma ferramenta imprescindível e útil à sua teologia. [...] A educação era, pois, a base para o conhecimento da verdade que liberta. (VIEIRA; TOLEDO, S/A, p. 1018)

<sup>4</sup> Joseph Lancaster (1778 – 1838) proporcionou uma importante abertura no mercado das revoluções disciplinares e nas pedagogias modernas. (HOGAN, 1989, p.382)

em agosto de 1819, conseguidas algumas conquistas e avanços em educação, acontece uma insurreição no centro industrial da Inglaterra, em Manchester; fazendo com que o governo acabasse por abolir as poucas liberdades civis, o que gerou e provocou grandes reflexos na educação com a restrição da educação formal para as massas e um retrocesso nos programas de estudo.

De acordo com Morais (1999), o século do Iluminismo<sup>5</sup>, racionalista, que preza pela ciência e razão humana, passou por um momento educacional que desagradou a maior parte da população influente. O século XVII não formulou um plano global para o processo educativo, o que ocasionou no século XVIII - o desejo de reformas. Para a autora, a influência de John Locke<sup>6</sup> e a visão mecanicista de Newton<sup>7</sup>, reforçaram a idéia de que o homem seria capaz de somente utilizar-se de suas faculdades naturais para alcançar o que precisasse. Porém, afirma que a péssima qualidade das escolas, que por sua vez eram bastante conservadoras e temerosas de abandonar suas práticas já muito ineficazes, fez com que a instrução em casa por um tutor fosse a saída mais viável.

É significativo que os dois principais centros da ideologia do Iluminismo fossem também os das revoluções, a França e a Inglaterra, embora as ideias iluministas ganhassem uma voz corrente internacional mais ampla em suas formulações francesas, esclarece Hobsbawn (1997). Um individualismo secular, racionalista e progressista dominava o pensamento "esclarecido". Para o historiador, libertar o indivíduo das algemas que o agrilhoavam era o seu principal objetivo: do tradicionalismo ignorante da Idade Média, que ainda lançava sua sombra pelo mundo, da superstição das igrejas, da irracionalidade que dividia os homens em uma hierarquia de patentes mais baixas e mais altas de acordo com o nascimento ou algum outro critério irrelevante.

A liberdade, a igualdade e, em seguida, a fraternidade de todos os homens eram seus slogans, confirma Hobsbawn (1997) e, no devido tempo, se tornaram os slogans da Revolução Francesa. A apaixonada crença no progresso que professava o típico

---

<sup>5</sup> O "iluminismo", a convicção no progresso do conhecimento humano, na racionalidade, na riqueza e no controle sobre a natureza - de que estava profundamente imbuído o século XVIII - derivou sua força primordialmente do evidente progresso da produção, do comércio e da racionalidade econômica e científica. (HOBSBAWN, 1997, p. 15)

<sup>6</sup> John Locke (1632 – 1704) foi o primeiro escritor a organizar de forma coerente as ideias básicas de uma democracia constitucional. Suas opiniões influenciaram fortemente os "pais fundadores" dos Estados Unidos, bem como muitos filósofos importantes do período do Iluminismo francês. (HART, 2002, p. 277)

<sup>7</sup> Isaac Newton (1642 – 1727) é o personagem mais influente da ciência ocidental [...] sua realização foi realmente a de dar forma e fornecer os instrumentos intelectuais básicos da física moderna. (SIMMONS, 2002, p.23)

pensador do iluminismo refletia os aumentos visíveis no conhecimento e na técnica, na riqueza, no bem-estar e na civilização que podia ver em toda a sua volta e que, com certa justiça, atribuía ao avanço crescente de suas ideias. O autor relembra que no começo do século, as bruxas ainda eram queimadas; no final, os governos do iluminismo já tinham abolido não só a tortura judicial, mas também a escravidão.

Ainda no cenário do Iluminismo, Morais (1999) ressalta que surgiram diversos e importantes pensadores dentre eles Jean-Jacques Rousseau<sup>8</sup>, que propunha que toda educação fosse pública e cujas ideias serviram de pano de fundo ideológico para os movimentos populares que culminaram na Revolução de 1789, influenciadoras dos pensadores da Educação no século XVIII, atravessando o século XIX.

Acerca da educação na Inglaterra do século XIX, de acordo com Morais (1999), as instituições pertenciam à igreja, com praticamente nenhuma intervenção do governo, e possuíam a característica de serem baratas, a fim de atender à grande demanda das camadas menos favorecidas, em decorrência do crescimento urbano. Morais (1999) relembra Joseph Lancaster, grande precursor do Sistema de Ensino Monitorial, que era considerado revolucionário e barato. Esse sistema buscava ensinar alunos e formar professores ao mesmo tempo. Através desse sistema, os alunos pré-selecionados de famílias abastadas, após absorver o conteúdo de seu professor, atuavam como espécies de monitores/professores para os alunos das classes menos favorecidas.

Como vimos, o Iluminismo influenciou os ideais e pensamentos com relação à educação dessa época. Através dele foi elaborado um sistema educativo fundamentado na razão. Porém, a mulher, tema recorrente de nosso estudo, continuava excluída da necessidade educativa na mesma medida em que o homem. A educação destinada à figura feminina resumia-se a cumprir suas funções de esposa e mãe, assim como a de obedecer ao marido. Nesse contexto de exclusão e opressão, influenciados pelo Iluminismo, numerosos tratados de conduta para mulheres jovens, como a *Déclaration des Droits de La Femme et de La Citoyenne* de Olympe de Gouges de 1791, e *A Vindication of the Rights of Woman* de Mary Wollstonecraft de 1792, se popularizaram e foram disseminados no século XIX.

---

<sup>8</sup> Jean Jacques Rousseau (1712 – 1778) [...] atribuiu-se às obras de Rousseau influência sobre o aparecimento do socialismo, do nacionalismo, do romantismo, do totalitarismo e do anti-racionalismo, bem como o dom de abrir caminho para a Revolução Francesa e contribuir substancialmente para os ideais modernos de democracia e igualdade. (HART, 2002, p. 436)

### 2.3 O PODER DE TRANSFORMAÇÃO DA MULHER

Aprendemos com Hobsbawn (1997) que ambas, a Revolução Francesa e a Revolução Industrial, foram muito importantes para certos acontecimentos que modificaram vários fatores nos meios sociais, das ciências, da economia e da educação na Europa dos séculos XVIII e XIX. Observamos que dentre essas mudanças, também vislumbramos nesse século o surgimento do Iluminismo, incitado na França, que se difundiu e influenciou um sistema de educação baseado na razão, na Inglaterra. Dentre as várias transformações e evoluções ocorridas, talvez a de maior impacto para as mulheres do século XIX foi o início da descoberta de sua voz, assim como a conscientização de que poderiam ocasionar mudanças em prol de seus direitos e liberdade. Através de manifestações e tratados, veremos que uma pequena, mas extremamente importante parcela de mulheres, reivindicou a ampliação de seu espaço, que até então era estritamente doméstico e privado.

Amaro (2009) ressalta que na transição do século XIX as manifestações contra a discriminação feminina adquirem maior expressão; que a luta pela conquista da igualdade nos campos político e civil foi encetada de forma a excluir a opressão exercida pela tradição patriarcal aglutinada à cultura masculina, projetando inúmeras vozes em defesa da plenitude de direitos para a mulher. Ramos (2002), na mesma proporção, afirma que o primeiro corte na história da virilidade moderna manifestou-se no século das luzes. Diz que ao militarem por um novo ideal de mulher, que levasse em conta a possibilidade da ascensão social e o direito à igualdade, os valores sociais tradicionais tiveram de ser subvertidos. Devido à influência do século das luzes as mulheres reclamaram seu direito de reconhecimento e conhecimento.

Scott (2002) afirma que a Revolução Francesa concedeu direitos civis à mulher, principalmente com relação ao matrimônio. Em 1791, o casamento foi definido como um contrato social e, em 1792 o divórcio tornou-se um direito legal de ambos os cônjuges. No entanto, os homens legisladores também aprovaram leis que tinham efeitos contraditórios sobre as mulheres, tornando-as pessoas com direitos civis, mas também objetos de preocupações legislativas, já que ainda eram consideradas inferiores

e submissas ao homem. Esse status ambíguo da mulher, seu reconhecimento como agente da sociedade civil e sua exclusão da política foram os principais motivos do início do movimento feminista na transição do século XVIII para o XIX na Europa.

Scott (2002) evidencia, que quando a constituição estava sendo debatida em 1791<sup>9</sup>, Olympe de Gouges<sup>10</sup> publicou sua *Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã*. Esse documento insistia na igualdade da mulher, pois esta deveria ter os mesmos direitos que os homens, assim como nos direitos mais urgentes que suas necessidades específicas de mulher exigiam. O documento de Olympe tornou-se o mais representativo entre as feministas e historiadores.

Acerca da grande representante do feminismo, Olympe de Gouges, Scott (2002) relata que uma de suas preocupações era a de controlar a representação de si própria; rejeitando os nomes do pai e do marido, pois queria declarar sua autonomia e recusa ao status secundário que a lei patriarcal determinava para a mulher.

Woollstonecraft (1999), sobre os direitos da mulher, afirma que um de seus maiores desejos era o de ver as mulheres em uma situação onde poderiam avançar e não retardar o progresso daqueles gloriosos princípios, os quais deram essência à moralidade. A autora questiona que, se as crianças deveriam ser educadas a fim de entender o verdadeiro princípio de patriotismo, suas mães também deveriam ser patriotas e questiona que a educação e a situação da mulher da época as baniam de qualquer investigação do tipo.

A negligência com relação à educação da mulher é a grande fonte da situação deplorável e miserável das mulheres, reforça Woollstonecraft (1999). A feminista confirma que uma das grandes questões para esse estado da mulher é o falso sistema de educação, já que foi escrito por homens. Argumenta que a ideia do que era ou deveria ser uma mulher para esses homens, não era bem como a de um ser humano. Conclui que os homens resumiam-se a imaginá-las como amantes sedutoras e não como esposas responsáveis ou mães racionais.

---

<sup>9</sup> Enquanto anunciavam os princípios de sua revolução numa retumbante *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*, no outono de 1789, os arquitetos da Revolução Francesa tinham consciência do perigo que um pronunciamento tão universal poderia acarretar: entraria em conflito, sem dúvida, com os pormenores práticos de qualquer constituição que fosse elaborada. (SCOTT, 2002, p. 49)

<sup>10</sup> Olympe de Gouges, pseudônimo de Marie Gouze, nasceu em 1748. Estava fadada a ser uma mulher cujas fantasias particulares se intrometiam de forma inaceitável na vida pública. Em julho de 1793, Olympe foi presa e, logo depois, condenada à morte, sob acusação de ter enchido os muros do país com seu panfleto “Les trois urnes, ou Le salut de La patrie”. Foi como traidora do centralismo jacobino que Olympe de Gouges foi executada em novembro. (SCOTT, 2002, p. 99)

Os livros de instrução, escritos por homens, continham as regras de como uma mulher deveria se portar. Woollstonecraft (1999) relata que esses livros descreviam como as mulheres deveriam ser tratadas, como seres subordinados, não como parte da espécie humana. A autora ainda afirma que grande parte dessa subordinação feminina devia-se ao fato de, no momento em que o homem se percebeu como um ser fisicamente mais forte que a mulher, ele também se viu no dever de ser opressor como um todo.

My own sex, I hope, will excuse me, if I treat them like rational creatures, instead of flattering their *fascinating graces*, and viewing them as if they were in a state of perpetual childhood, unable to stand alone<sup>11</sup>. (WOOLLSTONECRAFT, 1999, p. 73)<sup>12</sup>

A autora reitera que a educação das mulheres não era formal, e que ainda eram reconhecidas por escritores como sexo frívolo, ridicularizado e satirizado. Afirma que desde o início de suas vidas, às mulheres eram legadas inúmeras funções que deveriam realizar, enquanto que a vitalidade do corpo e da mente era sacrificada em virtude de noções de beleza, a fim de cumprirem um de seus inúmeros deveres, o casamento.

“Por toda parte a instrução das mulheres é uma das reivindicações feministas fundamentais” (PERROT; DUBY, 1991, p. 100). Como vimos, no início do século XIX, não existia de fato um sistema de educação. A educação das crianças era feita em escolas religiosas, ou, no caso de famílias de alta renda, através de tutores. Às meninas e mulheres cabiam as escolas para mulheres, que ofereciam uma educação diferenciada em relação àquela que os rapazes recebiam. Os filhos homens de famílias com renda favorável frequentavam a casa de um tutor a fim de obter uma educação sobre as ciências sociais e exatas da época.

Como nascer numa sociedade que não as tolera? Como conquistar a felicidade num mundo onde a esfera da atividade feminina vai diminuindo incessantemente? O confinamento da mulher à casa, dizem os tratados vitorianos, fundamenta a sua autoridade moral (PERROT; DUBY, 1991, p. 161)

Morais (1999), afirma que no século XIX as três afirmações mais recorrentes e comuns para negar o acesso feminino à educação, consistiam no fato de que: ao buscar o conhecimento, a mulher, conseqüentemente, negligenciaria seus deveres e afazeres

<sup>11</sup> Todas as citações em língua inglesa presentes neste estudo apresentam tradução nossa na respectiva nota de rodapé.

<sup>12</sup> Meu próprio sexo, espero, irá me perdoar, se eu as tratar como criaturas racionais ao invés de lisonjejar sua fascinante beleza, e as enxergar como se fossem eternas crianças, incapazes de se manterem por si só.

femininos; por mais avançado que fosse seu alcance em termos de conhecimento, jamais deixaria de estar em grande desvantagem com relação aos homens; a natureza feminina seria em essência feita para devaneios e qualquer esforço por modificá-la faria com que se esquecesse de seu estado de subordinação assegurado pela lei, natural e divina.

Dentro dessa nova sociedade urbana e novo contexto social, por conta da industrialização e revoluções, havia a condição da mulher, que segundo Moraes (1999) foi inferiorizada por causa do culto ao lar e sua divisão em esferas diferentes. À mulher, segundo a estudiosa, era praticamente negado o acesso à vida pública, ao estudo e à participação nos assuntos da comunidade de modo geral. Moraes (1999) ratifica que se associava a moralidade à mulher e, o intelecto ao homem. “De fato, esse século assinala o nascimento do feminismo, palavra emblemática que tanto designa importantes mudanças estruturais.” (PERROT; DUBY, 1991, p. 9). Através das reivindicações feministas as mulheres buscaram a manifestação de suas vontades e direitos, assim como o início de um processo de busca e transformação social do pensamento que muitos tinham, inclusive ela própria, com relação ao papel exercido pela mulher até então.

Perrot (2005) afirma que a irrupção de uma presença e de uma fala femininas em locais que lhes eram até então proibidos, ou pouco familiares, é uma inovação do século XIX que muda o horizonte sonoro. Porém, segundo a autora, subsistem muitas zonas mudas e, no que se refere ao passado, um oceano de silêncio, ligado à partilha desigual dos traços, da memória e da história. A estudiosa afirma que o silêncio era o comum das mulheres, e que ele convém à posição secundária e subordinada da mulher. “É como se o silêncio caísse bem nos rostos das mulheres, levemente sorridentes, não deformados pela impertinência do riso barulhento e viril”. (PERROT, 2005, p. 10)

Há pouca coisa nos arquivos públicos, destinados aos atos da administração e do poder, diz Perrot (2005). Esclarece que as mulheres aparecem apenas quando perturbam a ordem, o que justamente elas fazem menos do que os homens, não em virtude de uma natureza rara, mas devido à sua fraca presença, à sua hesitação também em dar queixa quando elas são vítimas de abusos, por exemplo, dentro da própria casa.

A literatura, segundo Perrot (2005), é felizmente mais rica e nos fala do cotidiano e dos estados da mulher pela própria mulher, que nela se intrometeram. Afirma que a escuta direta das palavras de uma mulher dependeria de seu acesso aos

meios de expressão, como o gesto, a fala e a escrita. O uso da escrita, no entanto, segundo a estudiosa, repousa no grau de alfabetização e o tipo de escrita que lhes é concedido. Inicialmente a mulher possuía sua escrita isolada como prática privada e familiar, felizmente, aos poucos foi autorizada a formas específicas de escrita pública, como assuntos de etiqueta, caridade, cozinha, entre outros.

Perrot (2005) esclarece que escrever a história das mulheres supõe que elas sejam levadas a sério, e que se dê à relação entre os sexos um peso nos acontecimentos ou na evolução das sociedades. A autora afirma que a história das mulheres interessou-se inicialmente por seus papéis privados; entretanto, a questão do poder colocou-se rapidamente, uma vez que ela funda a relação entre os sexos. É enfatizada a questão de que a distinção do público e do privado apareceu como ela realmente é, uma categoria política, expressão e meio de uma vontade de divisão sexual dos papéis, das tarefas e dos espaços.

Acerca das relações de poder, Perrot (2005) ressalta que o exercício do poder não passa somente pela repressão, mas também pela regulamentação do íntimo, organização dos espaços, mediação, persuasão e pelo consentimento. O exercício do poder, segundo Perrot (2005) consiste na produção de pensamentos, dos seres e das coisas por todo um conjunto de estratégias e de táticas em que a educação, a disciplina e as formas de representação revestem-se de uma importância maior.

Sobre as relações do poder disciplinar, Foucault (2009) afirma que este seria, com efeito, um poder que tem como função maior “adestrar”. Para o autor muitos processos disciplinares existiam há muito tempo, como nos conventos, mas que a disciplina se tornou, no decorrer dos séculos XVII e XVIII, fórmula geral de dominação. O filósofo ressalta que são formas diferentes da escravidão, pois não se fundamentam em uma relação de apropriação dos corpos. A disciplina para o estudioso fabrica corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”.

Na época as mulheres deveriam encontrar seus lugares na sombra dos homens, reitera Morais (1999), uma vez que até na ciência, estudos científicos de antropometria e craniometria<sup>13</sup> eram realizados comprovando o grau de inferioridade intelectual da mulher. A estudiosa esclarece ainda, que eram poucas as escolas para meninas e a pouca educação oferecida permanecia muito pobre, fazendo com que a maior parte das

---

<sup>13</sup> A característica comum à craniometria e a antropometria era a afirmação de se chegar a uma descrição do perfil intelectual e psicológico do indivíduo através do estudo de suas características físicas. (VILELA; JUNIOR, 2005, p. 5)

meninas da época fosse educada em casa por suas mães ou por governantas. Afirma que as poucas escolas para meninas foram fundadas por idealistas como Louisa Martindale<sup>14</sup>, que ao sofrer com a forte oposição, tinham que fechar as portas ou abandonar os projetos em andamento.

As novas características da sociedade industrial, especialmente o aumento do público leitor, a ascensão da burguesia, agora com uma participação política maior e as novas oportunidades que o mundo tecnológico e industrial apresentava, fizeram nascer um desejo de *ser educado e culto*, coisa que a maior parte dos pertencentes à classe média não possuía - bom nível cultural e educação refinada. Como consequência, os autores eram tidos como profetas, modelos. (MORAIS, 1999, p. 89)

Mill (2006), filósofo e economista inglês do século XIX, que possuía ideias e ideais sobre os direitos da mulher, ousou fazer analogia da situação da mulher com a escravidão. O filósofo esclarece que na época em que a escravidão ainda possuía abrangência social, a maioria dos indivíduos do sexo masculino era escravo, porém que as mulheres, em sua totalidade, também o eram. Ainda argumenta que a escravidão do homem diminuiu, mas que a escravidão da mulher somente foi transformada para uma forma mais branda de dependência e, que essa dependência seria o estado da escravidão sendo preservado. O estudioso evidencia que essa noção de dependência seria pertencente a um estado primitivo de escravidão sendo perpetuado através de modificações ocasionadas pelas mesmas causas que suavizaram e trouxeram às relações sociais mais e mais controle acerca da justiça e influência de humanidade.

Com relação aos movimentos feministas que surgiram a partir do século XVIII, de 1789 a 1944, Scott (2002) relata que as feministas construíram uma história que não poderia ter se afastado das grandes metas de evolução de seu tempo. Uma história que seria teleológica e que progride cumulativamente em direção a um objetivo ainda a ser atingido; de uma história na qual as mulheres encontram dentro de si os meios para lutar contra sua exclusão das políticas democráticas.

## 2.4 A FIGURA FEMININA ENQUANTO ESCRITORA

A vida profissional para uma mulher escritora no final do século XVIII e começo do século XIX era praticamente inexistente. “As mulheres sempre trabalharam.

<sup>14</sup>Louisa Martindale (1839 - 1914) influenciada pela obra de *A Vindication of the Rights of Women*, de Mary Wollstonecraft, foi uma importante ativista britânica pelo sufrágio da mulher dentro da Federação Liberal. (SIMKIN, 1997, p. 1)

Elas nem sempre exerceram profissões” (PERROT, 2005, p. 251). De acordo com Perrot e Duby (1991), ainda nos últimos anos do século XVIII a escrita pôde ser um elemento da liberdade feminina, porém com os primeiros anos do século XIX, a situação tornou-se tensa e sua simples manutenção tornou-se problemática. Mesmo assim, concluem que a Inglaterra era talvez o país que melhor tolerava as mulheres escritoras.

Perrot (2005) esclarece que o acesso das mulheres ao livro e à escrita, modo de comunicação distanciada, capaz de enganar e perturbar um imaginário sempre disposto às tentações do sonho foi-lhes por muito tempo recusado, ou parcimoniosamente cedido. A autora afirma que o silêncio era ao mesmo tempo disciplina do mundo, das famílias e dos corpos, regra política, social e familiar.

A impossibilidade de falar de si mesma acaba por abolir o seu próprio ser, ou ao menos, o que se pode saber dele. Como aquelas velhas mulheres fechadas em um mutismo de além-túmulo, que não se pode discernir se ele é uma vontade de se calar, uma incapacidade em comunicar-se ou uma ausência de um pensamento que foi destruído de tanta impossibilidade de se expressar. (PERROT, 2005, p. 10)

Percebemos do excerto acima que a escrita era uma forma de controle opressora e que à mulher cabia o silêncio. “Como a leitura, a escrita é frequentemente, para as mulheres, um fruto proibido” (PERROT, 2005, p. 36). Sem o direito à educação e à alfabetização, pelo menos não como os homens, as mulheres permaneciam impossibilitadas de expressar seu mais íntimo através da escrita, leitura ou até pensamento.

Perrot (2005) esclarece que os homens do século XIX europeu tentaram, de fato, isolar a força crescente das mulheres, que fora tão fortemente sentida na Era das Luzes e nas Revoluções. A autora ratifica que não somente eram enclausuradas em casa, excluídas de certos domínios de atividade – a criação literária e artística, a produção industrial e as trocas, a política e a história, mas também eram direcionadas para o doméstico revalorizado e para o social domesticado. As bibliotecas, segundo Perrot (2005), faziam cara feia às mulheres no século XIX e suas limitações eram tantas que o francês Sylvain Maréchal<sup>15</sup>, em 1801, criou um *Projeto de Lei sobre a proibição de ensinar as mulheres a ler*.

---

<sup>15</sup> Sylvain Maréchal ( 1750- 1803) foi um ensaísta francês, poeta, filósofo e bibliotecário, materialista e ateísta, precursor do anarquismo. (ROGERS, 2007, p. 2)

No entanto, de acordo com Showalter (2011), o século XIX parece ter sido a Era das escritoras, com grandes exemplos como Jane Austen, Charlotte Brontë e George Eliot. Porém, a grande questão, segundo a autora, era a de que as mulheres, excluídas da educação e, por conseguinte, sem atingir excelência na poesia, história ou drama, ao definir uma cultura literária em seus romances, se apropriaram de outro gênero masculino ou de fato criaram um próprio. “The novelists women have always been self-conscious, but only rarely self-defining” (SHOWALTER, 2011, p. 4).<sup>16</sup>

Showalter (2011) afirma que as mulheres, em geral, eram consideradas como “camaleões sociológicos”, considerando a classe social, estilo de vida e cultura de seus parentes do sexo masculino. A autora, porém, considera que as mulheres, por si mesmas, constituíram uma espécie de sub-cultura espelhando-se em uma sociedade ampla, na união de seus próprios valores, convenções e experiências, assim como comportamentos individuais.

Os grandes autores sentiam intensamente as exigências da sociedade e, como filhos de seu tempo, a retrataram de forma inspirada, ainda que, por vezes, submetida aos critérios rígidos de um código moral exigente. (MORAIS, 1999, p. 38)

Muitas escritoras, segundo Showalter (2011), podem ter sido menos do que sinceras consigo mesmas na insistência de que o sucesso literário lhes trouxe somente sofrimento. Afirma que essas mulheres eram capazes de ver a si mesmas envolvidas em uma vocação de responsabilidades e conflitos, mas que isso, além de oportunidades, lhes trouxe grandes fardos. Showalter (2011) ratifica que as autoras vitorianas não viam sua escrita como respeito de sua experiência feminina ou como a expressão disso.

As romancistas do século XVIII, de acordo com Showalter (2011), exploraram um estereótipo de feminilidade impotente para ganhar proteção dos revisores masculinos. Porém, na virada do século, muitas evitavam a questão da identidade profissional por meio da publicação anônima. Para tanto, muitas escritoras, com o intuito de garantirem a publicação de seu material, utilizavam pseudônimos de nomes masculinos. O pseudônimo, antes de tudo, era uma maneira de obter crítica e tratamento sérios e consistentes por críticos literários com relação à obra, assim como de proteger a mulher contra as críticas preconceituosas de sua própria família.

Para a autora a utilização do pseudônimo masculino significa a perda da inocência, até então fortemente difundida acerca da figura feminina. Showalter (2011) ressalta a maneira com que, como Jane Austen, muitas romancistas lidavam com a

---

<sup>16</sup> Como romancistas, mulheres sempre foram autoconscientes, mas só raramente auto-definidoras.

moral destrutiva e implicações sociais, as quais eram bem definidas e urgentes. Através de suas personagens, permanece evidente como e por que a defesa do status quo – na medida em que as mulheres do século XIX eram preocupadas com essa questão – era honestamente e elaboradamente abordada pelas escritoras.

As heroínas dos romances do século XIX eram estritamente preocupadas com a auto-realização e, se porventura possuíam severas e limitadas possibilidades na vida era devido ao fato de que suas autoras viram um perigo com relação a um comportamento que não àquela.

Houve também o que podemos chamar de *culto ao heroísmo*, que serviu como compensação do sentimento de imperfeição, de dúvida e medo. Os vitorianos queriam pensar em heróis, ler uma literatura em que houvesse heróis e heroínas, para satisfazer um sentimento puramente emocional, tão forte e imperante quanto aquela necessidade de inspiração didática. (MORAIS, 1999, p. 91)

Para Showalter (2011), ao mesmo tempo em que as romancistas eram reconhecidas pela modéstia de suas próprias lutas, também eram reconhecidas pelo seu heroísmo. Acerca da luta das mulheres com relação à escrita profissional e à educação, Showalter (2011) cita a fala de uma romancista em 1860:

Women are greater dissemblers than men when they wish to conceal their own emotions. By habit, moral training, and modern education, they are obliged to do so. The very first lessons of infancy teach them to repress their feelings, control their very thoughts. (SHOWALTER, 2011, p. 20)<sup>17</sup>

Muitas das fantasias de romances femininos são relacionadas ao dinheiro, mobilidade e poder, esclarece a autora e, por mais que as romancistas punam as heroínas assertivas, elas estariam correlacionadas com a ambição pessoal projetada pela ideologia do sucesso em personagens masculinos.

Como já mencionado, o número de mulheres que buscavam a publicação de suas obras, mas que não alcançavam tal façanha atingia proporções gigantescas. Showalter (2011) comenta acerca da pesquisa realizada por Richard Altick<sup>18</sup> entre os anos de 1835 e 1870, a qual divulgou que a proporção de escritoras era

<sup>17</sup> As mulheres são mais dissimuladas do que os homens no intuito de esconder suas próprias emoções. Por hábito, formação moral e educação moderna, elas são obrigadas a fazê-lo. As primeiras lições da infância as ensinaram a reprimir seus sentimentos, controlar seus próprios pensamentos.

<sup>18</sup> Richard Daniel Altick (1915 – 2008) foi um crítico literário americano reconhecido por suas pioneiras contribuições no estudo do período vitoriano. (LEARY, 2008, p. 6)

consideravelmente inferior às dos homens devido à inadequação educacional feminina e ao preconceito contra a mulher na posição de escritora.

Showalter (2011) reitera, ainda com relação a esse estudo realizado por Altick e com contribuição de pesquisa feita por Raymond Williams<sup>19</sup>, o evidenciado privilégio que os homens tinham acerca da educação, uma vez que dentre 163 escritores do sexo masculino estudados por Altick entre os anos de 1780 e 1930, mais da metade havia estudado em escolas como Oxford e Cambridge. Ao sexo masculino também eram reservados os privilégios de ter aulas de gramática, enquanto a mulher era, em sua grande parte, educada em casa; somente após o ano de 1870 é que algumas mulheres tiveram algum tipo de educação superior. A porcentagem de mulheres que eram educadas em casa e na escola era quase que equivalente à porcentagem de homens educados nas universidades.

Women writers were deprived of education because of their sex, not because of their class. For the middle-class Victorian girl, the departure of a brother for school was a painful awakening to her inferior status [...] One of the outstanding characteristics of the feminine novelists, their envy of classical education. (SHOWALTER, 2011, p. 34)<sup>20</sup>

De acordo com Showalter (2011) as mulheres romancistas lutaram para educar a si mesmas mesmo com tremendas dificuldades financeiras. Um tema recorrente dentre as biografias das escritoras da primeira parte do século XIX é a disciplina de si mesma. A autora salienta que uma das grandes críticas que a escritora da época recebia era a de que sua inferioridade na literatura devia-se à sua experiência limitada. Vastos aspectos da vida masculina - escola, universidade, clubes, esportes, negócios, governo e forças armadas – eram próximos às mulheres, mas não faziam parte de sua vida. As obras finalizadas por homens eram vistas como mais bem acabadas, pois o homem tinha completo entendimento daquilo que escrevia, possuía o conhecimento gramatical e um inglês superior. Acreditava-se que a mulher não conseguia se expressar melhor do que o homem, já que era definida como um ser angelical incapaz de sentir paixão, raiva, ambição ou honra.

---

<sup>19</sup> Raymond Williams (1921 - 1988) foi acadêmico, crítico e romancista inglês. Possuía trabalhos nas áreas da política, cultura, literatura e cultura de massas. Depois da segunda guerra mundial focou seus estudos no ensino de adultos e tornou-se professor na Universidade de Cambridge. (SIMKIN, 1997, p. 1)

<sup>20</sup> Mulheres escritoras foram privadas da educação por causa de seu gênero, não por causa de sua classe. Para a menina vitoriana de classe média, a partida de um irmão para a escola era um despertar doloroso para seu status inferior [...] Uma das características marcantes das romancistas femininas era sua inveja acerca da educação clássica.

The feminine novelists did share the cultural values of Victorian middle-class women, and they clung to the traditional notion of the femininity. They were not, however, simply ordinary women who happened to write books; they were different from the start<sup>21</sup>. (SHOWALTER, 2011, p. 80)

Observamos, que na era Vitoriana<sup>22</sup> o romance tornou-se o principal gênero da literatura inglesa e o trabalho de muitos escritores era moldado para os gostos do público leitor da classe média. Showalter (2011) esclarece que as romancistas dessa época possuíam a autoridade para descrever mulheres comuns, cujas vidas eram desprovidas de poder ou influência sobre outros, pois as mesmas escritoras tinham saído dessa realidade. Elas escreviam não somente no intuito de desenvolver poder pessoal, mas também para mudar a percepção e aspiração de suas leitoras.

---

<sup>21</sup> As romancistas compartilharam dos valores culturais de mulheres da classe média vitoriana, e agarraram-se à noção tradicional de feminilidade. Não eram, no entanto, simplesmente mulheres normais que escreviam livros; elas eram diferentes desde o início.

<sup>22</sup> O período vitoriano, que tem seu núcleo entre 1837 e 1901 (notadamente durante o reinado da Rainha Vitória), foi de grandes contrastes. (MORAIS, 1999, p.18)

### 3 A MULHER CONTESTADORA E “REBELDE”: A MULHER LIBERTA

“...I hope I am not one of *them*. I hope I never ridicule what is wise or good. Follies and nonsense, whims and inconsistencies, *do* divert me, I own, and I laugh at them whenever I can – But these, I suppose, are precisely what you are without”<sup>23</sup> (AUSTEN, 1994, p. 47)

No presente capítulo temos o intuito de analisar alguns aspectos da vida de Jane Austen enquanto mulher, escritora e profissional, assim como seu grau de instrução-educação na transição dos séculos XVIII e XIX; para tanto nos utilizaremos de Copeland e McMaster (2011). Adiante, pretendemos analisar a obra *Orgulho e Preconceito* aliando a análise de algumas personagens quanto ao fator instrução-educação, a fim de verificar aspectos que evidenciem a atitude contestadora da personagem Elizabeth Bennet. Nesse segundo momento usufruiremos de Auerbach (1984), Morgan (1975) e Cabreira (2012) para tratar de aspectos da obra e da personagem Elizabeth Bennet.

#### 3.1 JANE AUSTEN: MULHER ESCRITORA

Como já mencionado no segundo capítulo, através de Candido (2006), percebemos que o contexto social de produção e “atuação” em que uma obra está inserida pode ser levado em consideração a fim de esclarecer acontecimentos de uma determinada época, refletidos nas suas páginas. Para tanto, neste momento nos debruçaremos sobre Jane Austen, autora de *Orgulho e Preconceito*, que alegava ser Elizabeth Bennet a personagem feminina que mais amava.

Jane Austen nasceu em uma família pertencente à burguesia agrária, de Hampshire na Inglaterra em 16 de setembro de 1775. Austen viveu na época da Regência<sup>24</sup>, adiante veremos que a vida e o ambiente em que Austen viveu serviram de contexto para muitos de seus escritos.

Austen, de acordo com Copeland e McMaster (2011) era uma escritora por profissão e essa, além da família, era a coisa mais importante em sua vida; desde a

<sup>23</sup> Espero não ser uma delas. Espero nunca ridicularizar o que é sensato ou bom. Tolices e besteiras, caprichos e inconsistências me divertem, eu possuo e rio dessas coisas sempre que posso - mas elas, eu suponho, são precisamente o que você não possui.

<sup>24</sup> A Era da Regência ou Período Georgiano (1811 – 1820) antecedeu a Era Vitoriana. (CHRISSOCHOIDIS, 2009, p. 577)

infância tinha a vontade de vislumbrar suas obras impressas. Austen escreveu três romances antes dos 25 anos e sua carreira literária dependeu, em certa medida, das tantas outras mulheres romancistas da época, que criaram e sustentaram o mercado de ficção doméstica, cujas atitudes em relação à literatura, assim como as de Austen, tornaram-se cada vez mais profissionais.

Copeland e McMaster (2011) relembram que para a mulher, a publicação da própria escrita poderia ameaçar sua reputação e posição social. Para qualquer escritora a fama acerca da publicação poderia ser uma infâmia, já que os romances, em geral, eram considerados objetos de censura. Uma mulher respeitável, de acordo com os autores e o próprio irmão de Austen, Henry Austen, era modesta, reservada, essencialmente doméstica e não pública.

A publicação de uma obra fosse ela de qualquer tipo, que pudesse levar a autora aos olhos públicos, significava a perda da feminilidade, afirmam Copeland e McMaster (2011). Todos os preconceitos contra a mulher levaram muitas delas a publicar seus primeiros romances anonimamente; este fato, no entanto, não se aplicava à Austen. Os autores esclarecem que a única vez que Austen precisou usar um pseudônimo, Mrs. Ashton Dennis, foi para indagar acerca da demora de um editor com relação à publicação da obra *Susan*<sup>25</sup>. Ratificam, que antes do nascimento de Austen, em 1775, a literatura havia se firmado no mercado, mas que as tradicionais atitudes aristocráticas, que viam a impressão e o pagamento como vulgares, ainda eram persistentes entre o círculo de elite tanto de homens como mulheres.

De acordo com Copeland e Macmaster (2011), as mulheres que não eram casadas no século XVIII viviam, normalmente, sob a tutela da autoridade do pai, que tendia a desaprovar “a ousadia” de uma filha em se arriscar no mundo da publicação. Essa desaprovação devia-se em grande parte pelo comprometimento da reputação da moça e o iminente risco de torná-la indesejável para o casamento. Em oposição a essa realidade, o pai de Austen, George Austen, tentou ajudar na carreira da jovem escritora. Quando Austen tentou publicar *First Impressions*<sup>26</sup>, primeira versão de *Orgulho e Preconceito*, foi seu pai quem escreveu para um possível editor. O pai de Austen era um clérigo, religioso que ensinava e educava meninos, como um tutor; possuía um vasto conhecimento clássico e nunca deixou de apoiar a filha nas decisões profissionais.

---

<sup>25</sup> *Susan* foi a primeira versão da obra *Northanger Abbey*, publicada postumamente em 1817. (COPELAND; MCMASTER, 2011, p. 26)

<sup>26</sup> Primeira versão de *Orgulho e Preconceito* rejeitada em 1797. (COPELAND; MCMASTER, 2011, p. 19)

Copeland e McMaster (2011) relatam que no próprio círculo familiar e de amizade, Austen conhecia e possuía livros de vários autores que já haviam publicado trabalhos; muitos deles, inclusive, eram mulheres. Dentre as mulheres de seu círculo de amizade estava sua grande amiga Anne Lefroy, cujo obituário, em 1804, mencionava a publicação em idade um tanto quanto precoce na área da poesia.

Acredita-se, segundo Copeland e McMaster (2011), que o acesso à impressão e publicação tenha encorajado e ajudado a jovem Austen a, com certa veemência, dar conselhos de incentivo para que as sobrinhas também publicassem seus trabalhos. Austen foi reconhecida pela resistência ao sensacionalismo da ficção moderna da época – produções efêmeras que suprimiam as regulares demandas das bibliotecas de grande circulação – e pelo comprometimento pelas nuances de representações da vida cotidiana.

De acordo com Copeland e McMaster (2011), podemos dizer que as heroínas de Austen penetram através das aparências para a verdade, um esforço epistemológico prezado pelo Iluminismo e, especialmente, por filósofos como John Locke. Os autores confirmam que Austen não herdou tradições óbvias nem precisas com relação aos clássicos canônicos, com as quais seus irmãos entraram em contato ao estudar na escola; nem dos predecessores da ficção inglesa, muitos dos quais permaneceram desconhecidos para a leitora assídua; Austen dependia dos títulos que apareciam em seu caminho.

Austen, para Copeland e McMaster (2011), tinha tanta sorte quanto as heroínas das obras que escrevia, uma vez que a primeira biblioteca de Austen, a de seu pai, possuía mais de 500 títulos. Apesar de sua experiência escolar ter sido breve e insignificante, a maioria dos livros escolares podia ser encontrada na própria casa da família. O mais importante incentivo ao livro e à leitura, afirmam os autores, Austen tinha em grandes quantidades, já que quase toda a família era ávida por livros e pela troca constante de títulos.

As cartas que Austen escrevia para os conhecidos e familiares continham vários assuntos referentes aos livros que lia, afirmam Copeland e McMaster (2011), assim como citações, opiniões, ironia e até piadas, tratando os livros como se fossem fatos da vida real. Nós presenciamos, portanto, um paradoxo do real conhecimento e esperteza combinados com real privação intelectual (da qual ela provavelmente se

tornou consciente no momento em que a carreira literária ganhou impulso), concluem os autores.

Para Copeland e McMaster (2011) Austen utilizou-se da literatura, agarrando-se às suas múltiplas e ricas tradições, porém não conhecia nenhuma tradição sistemática e compreensiva por si mesma. A autora não reconhecia o status de cânone, conhecimento ou autoridade literária. Austen presumiu a suficiência do gosto como próprio guia, admirando autores porque simplesmente gostava e não pelo peso literário que seus nomes possuíam.

A autora menciona Shakespeare<sup>27</sup> e Pope<sup>28</sup> nas próprias obras e, quando o faz, Copeland e McMaster (2011) acreditam que não seja para gabar-se de seu conhecimento sobre eles, mas sim, para delinear uma personagem através de si mesma em resposta àqueles autores. A partir disso, fica evidente que os livros eram uma parte integrante muito significativa de Austen.

We no longer find it easy to believe Austen's claim to be "the most unlearned & uninformed Female Who ever dared to be an Authoress". When she wrote this she was, after all, crafting a graceful but absolute refusal of James Stanier Clarke's invitation to build a novel around a clergyman 'entirely engaged in Literature,' who, as she herself noted, would discourse 'on subjects of Science & Philosophy' and 'be occasionally abundant in quotations & allusions'. The meaning of 'occasionally' here is not 'from time to time' but 'to match the occasion'. (COPELAND; MCMASTER, 2011, p. 195)<sup>29</sup>

Esclarecem Copeland e McMaster (2011), que do excerto acima, se extrai a idéia de que o clérigo, proposto por Clarke, possui frases e falas advindas dos livros que lê da literatura clássica e moderna, assim como da educação clássica. Austen, já aos 16 anos se apoderou das leis clássicas, mas somente com a maturidade pôde entender a superioridade daqueles que as compreendiam.

<sup>27</sup> William Shakespeare (1550 – 1604) o grande poeta e dramaturgo britânico é geralmente reconhecido como o maior escritor de todos os tempos. (HART, 2002, p. 201)

<sup>28</sup> Alexander Pope (1744 – XX) foi um dos maiores poetas britânicos do século XVIII. Foi proibido de frequentar escolas e universidades, mas, apesar disso contribuiu de maneira rica nos ensaios e versos, que expõe suas idéias estéticas e filosóficas. (STEPHANSON, 2007, p.1)

<sup>29</sup> Nós já não achamos fácil acreditar que o clamor de Austen para ser 'a mais ignorante e desinformada que ousou ser autora'. Quando escreveu, afinal de contas, era uma graciosa, mas absoluta recusa, com relação ao convite de James Stanier Clarke para construir um romance acerca do comprometimento de um clérigo 'totalmente engajado na literatura', que, como ela mesma notou, iria discorrer sobre 'temas da ciência e filosofia' e ser 'ocasionalmente abundante em citações e alusões'. O sentido de 'ocasionalmente' aqui não é no sentido de 'tempo em tempo', mas sim 'para combinar com a ocasião'.

Austen does not relate to the classics as does a devotee of a Great Tradition; she does not turn to the Latin language for authority or authorization. Yet, though she dislikes pedantry, I would not accept that she dislikes scholarship. She went to some trouble to ensure factual accuracy in works by herself and her nieces. (COPELAND; MCMMASTER, 2011, p. 198)<sup>30</sup>

Para Copeland e McMaster (2011), enquanto Austen se aproximava dos clássicos através do filtro proporcionado por aqueles de educação clássica, teve a oportunidade de ter contato com textos muito antigos, como aqueles de origem religiosa do cristianismo e anglicanismo, cuja linguagem era praticamente obsoleta. Austen aprendeu a lê-los e utilizou vários fragmentos e citações em suas obras.

The Bible (Authorized Version or King James Bible) and the Book of Common Prayer, as Austen used them, dated from 1611 and 1662 respectively; but they were closely based on work done by Tyndale and Cranmer during the sixteenth century. Linguistically, therefore they were a door opening backwards into "English Literature, Ancient"; and they were familiar to her in a way that only a few texts become familiar to anyone: familiar from daily or weekly repetition, aloud, marked with the different speech habits of the different voices that pronounced them. Even if she had never read the Bible herself (as she did) she would have heard the passages appointed to be read at the services of the church (read, no doubt, with varying degrees of expertise). (COPELAND; MCMMASTER, 2011, p. 198)<sup>31</sup>

Copeland e McMaster (2011) afirmam que os escritores mais amados de Austen eram Richardson<sup>32</sup> e Johnson<sup>33</sup>, além de Shakespeare e Pope. A todos estes Austen fez referência, citando-os de memória e fazendo das obras desses autores o contexto social da própria vida. Para Copeland e McMaster (2011) cada obra de Austen ocupa uma posição particular dentro da comunidade de textos literários, pois Austen normalmente define suas personagens dentro de um universo de hábito de leitura e seus textos acabam por se entrelaçar com outros textos de outros autores.

<sup>30</sup> Austen não se relaciona com os clássicos como faz um devoto de uma grande tradição, ela não se volta para a língua latina, para a autoridade ou autorização. No entanto, apesar de não gostar de pedantismo, eu não diria que não gosta da academia. Austen teve que enfrentar alguns problemas para garantir a precisão fátual em obras escritas por si mesma e suas sobrinhas.

<sup>31</sup> A Bíblia (Versão Autorizada ou jacobina) e o Livro de Oração Comum, como Austen os usou datados de 1611 e 1662, respectivamente, foram fortemente baseados no trabalho feito por Tyndale e Cranmer durante o século XVI. Linguisticamente, eles eram uma porta que se abre para o passado em "Literatura Inglesa, arcaica"; e eram familiares para Austen de uma forma que apenas alguns textos se tornam familiares para qualquer pessoa: familiares na repetição diária ou semanal, em voz alta, marcadas com o hábito de discursos diferentes que os pronunciaram. Mesmo se Austen nunca tivesse lido a Bíblia (algo que fez), teria ouvido os trechos indicados para serem lidos nos cultos da igreja (lidos, sem dúvida, com diferentes graus de conhecimento).

<sup>32</sup> Samuel Richardson (1689 - 1761) escritor e editor inglês reconhecido pelas obras *Pamela: Or, Virtue Rewarded*, *Clarissa: Or the History of a Young Lady* & *The History of Charles Grandison*. (BARCHAS, 2000, p. 471)

<sup>33</sup> Samuel Johnson (1709 – 1784) escritor, pensador e crítico inglês muito influente no século XVIII. (FOLKENFLIK, 2000, p. 289)

She is perhaps too strong a mind, too original a writer, to be the most apt for influence studies, but her work incorporates ideas from and offers responses to a wide range of texts, and her allusions are commonly so nuanced as to be worth carefully teasing out. (COPELAND; MCMASTER, 2011, p. 211)<sup>34</sup>

Na defesa do romance como um gênero, Austen basicamente defende a escrita feminina, não querendo dizer, portanto, que as romancistas estariam isentas de seu sério julgamento literário e provocação, concluem os autores. Relembrem que Jane Austen foi apresentada ao público como a autora de seis romances, *Razão e Sensibilidade* (1811), *Orgulho e Preconceito* (1813), *Mansfield Park* (1814), *Emma* (1815), *Northanger Abbey* (1818), *Persuasão* (1818), cerca de cinco meses depois de sua morte.

Concluem Copeland e McMaster (2011), que a família de Austen era sua força dominante, assim como do estudo sobre a vida da autora. Austen enquanto pessoa permaneceu desconhecida para seus leitores até meio século depois de sua morte. Jane Austen era somente mais um nome antes de 1870, a família Austen, no entanto, se encarregou de divulgar mais informações sobre a autora nas décadas seguintes através de suas biografias.

### 3.2 ORGULHO E PRECONCEITO: AUSTEN NAS ENTRELINHAS

Nesta parte de nossa pesquisa buscaremos analisar a obra de Jane Austen com foco em algumas mulheres do romance: as irmãs Bennet, Mrs. Bennet e Charlotte Lucas, assim como abordar, brevemente, as personagens masculinas de Mr. Bennet, Fitzwilliam Darcy, Mr. Collins e Mr. Wickham, de maneira a delinear-las contrastando com o perfil intelectual e contestador da personagem alvo Elizabeth Bennet.

Como já mencionamos, no ano de 1797, Austen, com a ajuda de seu pai, tentou publicar a obra *First Impressions*, uma primeira versão de *Orgulho e Preconceito*, mas não obteve sucesso, pois o editor, além de não confiar no seu potencial, ofereceu uma quantia ínfima pela obra. Quando publicado, em 1813, *Orgulho e Preconceito* de fato, vendeu bem, proporcionando uma boa quantia em dinheiro ao editor, porém não à autora.

---

<sup>34</sup> Ela é talvez muito cabeça dura, uma escritora muito original para ser a mais apta para influenciar estudos. Seus trabalhos, no entanto, incorporam ideias e oferecem respostas acerca uma grande variedade de textos muitos textos. Suas alusões comumente muito sutis, como se cuidadosamente fossem trazidas à tona.

O enredo de *Orgulho e Preconceito* inicia-se com a vinda de um jovem solteiro, rico e carismático, Mr. Bingley, para a cidade rural de Meryton em Hertforshare, acompanhado de suas duas irmãs e melhor amigo, superior em riqueza e beleza, também solteiro, Mr. Fitzwilliam Darcy. Esse acontecimento causa grande alvoroço na cidade, especialmente em Mrs. Bennet e nas cinco filhas, Jane, Elizabeth, Mary, Katherine e Lydia.

Mrs. Bennet faz de tudo para que o marido, Mr. Bennet, pague uma visita à Bingley, uma espécie de autorização, socialmente estabelecida, que possibilitará as moças e sua mãe de irem ao baile para conhecê-lo. A partir do momento que as moças conhecem Bingley e a comitiva que o acompanhava, Jane e Bingley se apaixonam e Darcy rejeita Elizabeth. Em seguida, Jane é requisitada para visitar a casa dos Bingley e Elizabeth faz um novo amigo, Mr. Wickham, pertencente ao regimento militar que se instalara recentemente na região. Katherine, Lydia e Mrs. Bennet vão novamente ao delírio, pois não resistem à visão de uma farda vermelha. Mr. Bennet repreende sua esposa e as duas filhas mais novas o tempo todo por isso, enquanto Mary se enclausura no quarto para estudar e só sai dele para tocar piano. Elizabeth dialoga de maneira assídua e interessada com o novo amigo Mr. Wickham e cria um carinho especial por ele.

Na trama também surge Mr. Collins, primo das Bennets e futuro herdeiro das terras quando Mr. Bennet vier a falecer, já que a mulher na época não tinha qualquer direito de herança, por isso a constante agonia constante de Mrs. Bennet em casar suas filhas. Mr. Collins é um padre e, por incentivo de Lady Catherine, busca uma futura esposa entre suas primas. Primeiramente Collins recorre à Jane, mas como Mrs. Bennet tem esperança de casar a moça com Bingley, oferece Elizabeth em seu lugar. Elizabeth, porém, recusa o pedido de Collins, que depois de três dias, faz o pedido de casamento à Charlotte Lucas, melhor amiga de Elizabeth, que o aceita.

Mais adiante no romance, Elizabeth visita Charlotte e encontra, na residência de Lady Catherine em Rosings, Darcy que não consegue tirar o olhar e atenção da moça. Depois de inúmeros acontecimentos em Rosings Darcy pede Elizabeth em casamento, porém Elizabeth o recusa com a explicação de que ela sabia que Darcy fora a causa de Mr. Bingley ter se afastado de Jane e da vida de Wickham ter sido tão desafortunada. Nesse mesmo dia Darcy entrega à Elizabeth uma carta se defendendo e

explicando todas as injúrias das quais Elizabeth o havia acusado. Elizabeth ao ler e reler a carta diversas vezes, sente vergonha de si mesma, aceitando as explicações de Darcy.

De volta a Meryton, e depois de muito tempo sem ver Darcy novamente, Elizabeth faz uma viagem com os tios, os Gardiner. Seguindo seu trajeto, a comitiva resolve passar pela residência de Darcy, em Pemberly, na qual entram e admiram a casa, que estava aberta para visitação. Quando visitam os jardins da residência, Darcy os avista e vai ao seu encontro. Elizabeth se admira, porque foram avisados de que Darcy s  chegaria no dia seguinte. Ao encontr -lo, a moça se sente desconfortável com o jeito amável e carinhoso com que Darcy a trata. Quando Elizabeth e os tios voltam para o hotel em que estavam hospedados, Elizabeth recebe uma carta de Jane dizendo que Lydia havia fugido com Wickham. Darcy, furioso com o ocorrido, os deixa, e Elizabeth retorna para sua família.

Ao fim da trama descobrimos que Darcy havia encontrado Lydia e Wickham, e pago para Wickham se casar com a irmã mais nova de Elizabeth, pois do contrário ela e toda a família permaneceriam socialmente condenados pela atitude impensada de Lydia. Darcy também deu o consentimento   Bingley, que estimava sua opinião, para casar-se com Jane, sua grande amada. Darcy, depois de saber que Lady Catherine, sua tia, havia visitado Elizabeth indagando se a moça estava ou não noiva do sobrinho, pede novamente sua mão, que desta vez a aceita, para felicidade do pai e infelicidade da tia de Darcy.

Percebemos que, ao narrar a história da jovem inglesa Elizabeth Bennet, Austen ilustra com vivacidade a paisagem, os hábitos e costumes rurais e interioranos da Inglaterra do final do século XVIII e início do século XIX. Como já evidenciamos, Elizabeth (Lizzy)   a segunda irmã mais velha de um total de cinco mulheres: Jane, Mary, Katherine (Kitty) e Lydia Bennet.

A mãe de Elizabeth, Mrs. Bennet, passa grande parte de seu tempo se preocupando em proporcionar às filhas situações que possam lhes garantir um bom marido. Mrs. Bennet, no entanto, é uma mulher preocupada com o bem estar e vida de suas filhas, já que na época as mulheres não possuíam nenhuma garantia de herança caso seus pais ou maridos morressem. A herança sempre iria para o homem mais próximo da família, nunca para a mulher, fosse ela filha ou esposa do falecido. A todo o momento Mrs. Bennet   lembrada pelo marido o quanto   débil e medíocre.   uma mulher um tanto quanto fútil, considerada tola pelas próprias filhas. "While silly women

are exhorted to rise to generalities, sublime men are encouraged to descend to particulars. "Women were seen as by nature deficient in the capacity for abstraction."<sup>35</sup> (AUERBACH, 1984, p. 54)

O pai de Elizabeth, Mr. Bennet, um homem culto e educado, acredita que todas as filhas, com exceção de Elizabeth (Lizzy), são tolas, assim como a esposa. Mr. Bennet rende-se aos caprichos da mulher somente para fazê-la aquietar-se e deixá-lo em paz em sua biblioteca. Mr. Bennet é um amante dos livros, assim como a filha Elizabeth, que apesar de ser a filha menos querida de sua mãe, é a mais amada por seu pai.

Mr. Bennet era um misto tão curioso de vivacidade, humor sarcástico, reserva e capricho, que a experiência de vinte e três anos juntos tinha sido insuficiente para que a sua esposa lhe conhecesse o caráter. O espírito de sua mulher era menos difícil de compreender; tratava-se de uma senhora dotada de inteligência medíocre, pouca cultura e gênio instável. Quando se aborrecia imaginava que estava nervosa. A única preocupação da sua vida era casar as filhas. Seu consolo, fazer visitas e saber novidades. (AUSTEN, 1982, p. 11)

Mr. Bennet, por mais que fosse culto/educado e por vezes seguisse os caprichos da esposa e filhas, era um homem que cobrava o bom senso. Era um homem reservado, que somente conversava com as moças para repreendê-las ou rir delas, a única exceção era Elizabeth. Acreditamos que Mr. Bennet poderia simbolizar, em vários momentos, a figura masculina indiferente às características e potenciais femininos, uma figura recorrente e presente quase que na totalidade da história da mulher muito antes do século XIX; uma figura que se sente superior e totalmente à parte dos porquês com relação aos problemas da esposa e filhas, constantemente lembrando-as de sua ignorância e insignificância.

Mas Mr. Bennet não era desses homens que procuram se consolar das desilusões causadas pelas próprias imprevidências entregando-se a esses prazeres em que os infelizes procuram uma compensação para as suas loucuras e os seus vícios. Gostava do campo e dos livros; disso tirava as suas principais distrações; e, quanto à sua mulher, ele pouco mais lhe devia do que os divertimentos que o espetáculo da sua ignorância e a sua falta de senso lhe tinham proporcionado. Essa não é a espécie de felicidade que os homens em geral desejam encontrar no casamento. Mas, na falta de outros dons, o verdadeiro filósofo se contentará com os poucos que lhe são dados. [...] Elizabeth, no entanto, nunca fora cega aos defeitos do pai como marido. Aquilo sempre lhe doera, mas, admirando-lhe as qualidades e grata pela maneira afetuosa com que ele a tratava, ela se esforçava por esquecer o que não podia deixar de perceber e bania dos seus pensamentos essas contínuas irregularidades de conduta conjugal que, expondo a mãe ao desprezo das próprias filhas, era, portanto altamente repreensível. Mas nunca sentira tão

---

<sup>35</sup> "Enquanto as mulheres tolas são exortadas a se comunicar superficialmente através de generalidades, homens sublimes são encorajados a descer a pormenores. As mulheres eram vistas, como que por natureza, deficientes na capacidade de abstração".

fortemente como agora as desvantagens que devem sofrer os filhos de um casal tão pouco unido, nem compreendera antes tão claramente os males provenientes de uma defeituosa aplicação de talentos; talentos que, bem empregados, poderiam proteger a respeitabilidade das filhas, mesmo se não conseguissem alargar a mentalidade da esposa. (AUSTEN, 1982, p. 210)

Acreditamos que Austen, ao enfatizar a personalidade de cada personagem reinterpreta aquilo que mais a desgostava na retratação do que encontrava na época. Jane, irmã mais velha de Elizabeth, seria, a nosso ver, a representação da mulher idealizada, perfeita para o casamento, uma vez que é bela e doce, e ótima no lidar e educar crianças, muito querida e amada por todos. “Victorians were elevating woman into an angel [...] Angels were thought to be meekly self-sacrificial by nature: in this cautiously diluted form, they were pious emblems of a good woman’s submergence in her family<sup>36</sup>” (AUERBACH, 1984, p. 6). Jane era um tanto quanto alienada e inocente em não perceber a maldade ou a indiferença de outros na sociedade. A personagem pode ser vista como a caracterização da figura angelical, fortemente difundida como o ideal feminino no século XIX, na Inglaterra. Há momentos na obra em que Jane também é citada como um ser não reconhecido por seu intelecto.

Depois entraram todos na sala. As perguntas que Elizabeth já tinha feito foram naturalmente repetidas pelos outros. Mas logo ficaram sabendo que Jane não tinha nenhuma notícia a dar. No entanto, devido ao seu caráter indulgente, Jane ainda não perdera todas as esperanças. Ainda acreditava que tudo acabasse bem, e que uma manhã daquelas chegaria uma carta, de Lydia ou de seu pai, explicando o procedimento dos fugitivos e anunciando talvez o seu casamento. (AUSTEN, 1982, p. 249)

Katherine (Kitty) e Lydia, irmãs mais novas de Elizabeth, por sua vez, têm entre 15 e 17 anos e passam grande parte de seu tempo imaginando e sonhando acordadas com bailes, vestidos e oficiais do exército britânico. “Katherine e Lydia tinham tido a sorte de nunca ficar sem par, a única coisa que elas consideravam importante num baile”. (AUSTEN, 1982, p. 17) Acreditamos que Katherine e Lydia representam mulheres alienadas que eram criadas e condicionadas a não se importar ou precisar usar o intelecto para nada. Eram de certa forma, “selvagens” na constante caça de homens fardados, desprovidas de qualquer pensamento crítico acerca de algo; ambas não questionavam sua posição social, nem sequer cobravam respeito para si quando satirizadas. Pensamos que ambas Kitty e Lydia não se preocupavam com o estudo, pois

<sup>36</sup> Vitorianos elevavam a mulher à figura de um anjo [...] Pensava-se que anjos eram mansamente auto-sacrificados por natureza: nesta forma cautelosamente diluídas elas eram piedosos emblemas da submersão da boa mulher em sua família.

ele não mudaria suas vidas, mas somente com o constante flerte com o sexo oposto e, quem sabe, o casamento.

Não falavam de outro assunto; e a grande fortuna de Mr. Bingley, tema que invariavelmente despertava uma grande animação no meio das moças, era indiferente aos olhos de Katherine e de Lydia, perto dos assuntos que se referissem ao regimento. Depois de ouvir, certa manhã, as suas efusivas discussões sobre isso, Mr. Bennet observou friamente:

— Pelo que deduzo das suas conversas, vocês devem ser duas das moças mais tolas do país. Já o suspeitava, mas agora estou convencido.

Katherine ficou embaraçada e não deu resposta; mas Lydia, com perfeita indiferença, continuou a exprimir a admiração que sentia pelo Capitão Carter e a esperança que tinha de vê-lo ainda naquele dia, pois ele devia partir para Londres na manhã seguinte...

— Espanta-me, meu caro — disse Mrs. Bennet —, a facilidade com que você diz que as suas próprias filhas são tolas. Se eu quisesse menoscar os filhos de alguma pessoa, decerto não escolheria os meus.

— Se minhas filhas são tolas, espero nunca me iludir a este respeito.

— Sim, mas acontece que todas são muito inteligentes.

— Este é o único ponto — e disto eu me gabo — sobre o qual não estamos de acordo. Eu tinha tido esperança de que os nossos sentimentos coincidissem em tudo; porém, sou obrigado a diferir de você neste ponto. Acho que as nossas duas filhas mais moças são excepcionalmente tolas.

— Meu caro Mr. Bennet, você não deve esperar que as meninas tenham o mesmo juízo que o pai e a mãe. Quando atingirem a nossa idade, asseguro-lhe que não pensarão mais em oficiais. Lembro-me do tempo em que eu gostava também de uma túnica vermelha, e, aliás, no fundo do coração, ainda gosto. (AUSTEN, 1982, p. 33)

Reconhecemos Lydia, dentre as irmãs, como sendo a moça mais despojada de qualquer senso crítico sobre o que se passava ao redor. A filha mais nova dos Bennets não possuía freios nem modelos os quais pudesse seguir, a não ser aqueles fora de seu círculo familiar. Suas irmãs mais velhas tentavam constantemente alertá-la e repreendê-la, mas a personagem as considerava tolas e excessivamente preocupadas. Lydia possuía a mãe como modelo, um modelo deficiente em estudo e pensamento crítico, que também fora ensinada a se preocupar mais com os bens materiais e matrimoniais do que aqueles do intelecto.

— Mas você acha que Lydia está tão perdidamente apaixonada por ele que consinta em viver com um homem sem serem casados?

— É o que parece, e é bem triste — respondeu Elizabeth, com lágrimas nos olhos. — Ter de pôr em dúvida o senso de decência e virtude de uma irmã! Mas realmente não sei o que dizer. Talvez esteja sendo injusta. E Lydia é muito moça, nunca lhe ensinaram a pensar em coisas sérias. E durante os últimos seis meses, ou melhor, durante todo o último ano, ela nada fez senão se divertir e dar largas à vaidade. Deram-lhe a liberdade de dispor do seu tempo da maneira mais frívola e inútil e de adotar as opiniões de todos os que encontrava. (AUSTEN, 1982, p. 247)

Kitty também simboliza para nós a moça condicionada. Assim como Miss Darcy, Kitty, ao final da narrativa, recebera um condicionamento diferente do da irmã

mais nova, que ao ver das irmãs mais velhas, era a causa da “rebeldia” e pensamentos tolos. Assim que passaram a manter a irmã sob os olhares de atenção e influências, a moça se aquietou e pôde assim, ser mais coerente com aquilo que lhe era esperado. Mais obediência e menos ignorância.

Kitty passava a maior parte do seu tempo com as duas irmãs mais velhas. E isto foi de grande vantagem para ela. Numa sociedade tão superior à que ela tinha conhecido, fez grandes progressos. Kitty não tinha um gênio tão rebelde quanto Lydia. E, longe da influência e do exemplo da irmã, graças a certos cuidados e atenções, tornou-se menos irritável, menos ignorante e menos insípida. A sua família julgou dever preservá-la de qualquer nova influência da parte de Lydia. E, embora Mrs. Wickham freqüentemente a convidasse para passar tempos em sua casa, com promessas de bailes e de rapazes, o pai jamais consentia que ela fosse. (AUSTEN, 1982, p. 333)

Acreditamos que Mary, por sua vez, assemelha-se à Elizabeth, muito estudiosa, adorava livros e música. Porém, acreditamos que a grande diferença entre Elizabeth e Mary esteja no fato de que Elizabeth participa e reconhece as regras sociais, Mary, no entanto, isolada em um mundo próprio, permanece, de acordo com alguns excertos do romance, à parte disso. Mary queria ser reconhecida por sua inteligência, mas era constantemente satirizada e ridicularizada nas práticas sociais. Concluimos, que talvez o papel destinado à Mary na obra seja exatamente secundário, assim como a mulher em relação ao homem, como já discutido no segundo capítulo. Não há muitas explicações, nem falas destinadas à personagem de Mary. Apesar de se dedicar aos estudos e às ciências da época, todas destinadas aos homens, a personagem permanece isolada em seu próprio espaço. Notamos isso por sua exclusão da sociedade e até mesmo pelas próprias irmãs quando a ignoravam, deixando-a muitas vezes à parte de seus assuntos pessoais.

Mary não tinha talento, nem gosto. Embora a vaidade lhe tivesse dado perseverança, dera-lhe igualmente um ar pedante de maneiras convencidas, coisa suficiente para obscurecer triunfos maiores do que aqueles que era capaz de alcançar. (AUSTEN, 1982, p. 26)

Quanto a Mary, seu domínio sobre si mesma era perfeito. E com o rosto muito grave sussurrou para Elizabeth, pouco depois de se sentar à mesa:  
— Isto é um acontecimento bem desagradável. E provavelmente será muito comentado. Mas nós devemos nos opor à maré de maledicência, e derramar sobre os nossos corações feridos o bálsamo dos consolos fraternais.  
Em seguida, vendo que Elizabeth não estava disposta a responder, acrescentou:  
— Por infeliz que tenha sido Lydia, podemos tirar disto uma lição útil. Que a perda da virtude numa mulher é irremissível. Que um só passo falso acarreta uma série de desgraças sem fim e que a reputação não é menos frágil do que

a beleza. Que uma mulher nunca pode ser cautelosa demais para com as pessoas do outro sexo, especialmente as que não merecem a sua confiança. (AUSTEN, 1982, p. 251)

Charlotte Lucas, vizinha e amiga confidente de Elizabeth, não possui tanta beleza nem tão pouco inteligência, se comparada com Elizabeth. Charlotte é muito querida pela amiga. No entanto, acreditamos que simboliza o oposto de Elizabeth, tudo aquilo que esta não era ou não queria ser: Elizabeth não aceita ser conduzida por um status social ou por um patamar inferior ao masculino, indo contra seus desejos mais íntimos de liberdade física e intelectual. Charlotte, assim como as irmãs de Elizabeth, não era reconhecida pela inteligência, e apesar de ser muito esperta, era rotulada como um fardo para os pais e até mesmo por si mesma. Charlotte foi considerada por Elizabeth, no episódio do noivado com Mr. Collins, como um ser sem amor próprio e sem amor à própria liberdade.

Elizabeth sempre desconfiara de que a opinião de Charlotte sobre o casamento não se parecia muito com a sua. Mas nunca poderia ter suposto que no instante de confrontar as suas idéias com a realidade ela fosse capaz de sacrificar todos os seus melhores sentimentos às vantagens mundanas. Charlotte mulher de Mr. Collins era um quadro humilhante. E à dor de ver uma amiga se rebaixar assim na sua estima acrescia a triste convicção de que era impossível que aquela mesma amiga fosse feliz no caminho que escolhera. (AUSTEN, 1982, p. 118)

Charlotte Lucas foi acusada e rechaçada por muitos, inclusive pela melhor amiga. Percebemos, que dentre as personagens que Austen ilustra na obra, Charlotte representa a mulher que é considerada um fardo pelos pais na idade de 27 anos, que é considerada pobre porque não tem um dote atrativo e nem beleza que a ajude a mudar de vida: a típica mulher inglesa das classes menos abastadas do século XIX. Chegar a uma idade “avançada” e ainda ser solteira era, talvez, a “maldição” da época, pois nenhuma mulher, assim como sua família, aceitaria de bom grado esta situação social. “The VICTORIAN OLD MAID, as commonly perceived, leads no armies to heaven or hell. Grotesque, out of nature, her very name reducing itself to a snicker, she is unwanted even by the devil<sup>37</sup> (AUERBACH, 1984, p. 109).

Charlotte, de acordo com a sociedade da época, realmente não possuía alternativas. O casamento por amor estava fora de questão e pensamos que a

---

<sup>37</sup> A SOLTEIRONA VITORIANA, como era comumente percebido, não leva nenhum exército para o céu ou para o inferno. Grotesca, fora da natureza, o seu próprio nome reduzindo-se a um riso, ela é indesejável até mesmo pelo diabo.

personagem somente aceitou o que já estava socialmente determinado. Concluimos, no entanto, que para Elizabeth, este fato nunca foi uma alternativa.

Mr. Collins não era a bem dizer nem sensato nem agradável. A sua companhia era cansativa. E a sua afeição por ela devia ser imaginária. Mas mesmo assim seria seu marido. Sem ter grandes ilusões a respeito dos homens ou do matrimônio, o casamento sempre fora o seu maior desejo; era a única posição tolerável para uma moça bem-educada e de pouca fortuna. E por mais incertas que fossem as perspectivas de felicidade, era ainda a forma mais agradável de ficar ao abrigo da necessidade. Esta proteção, ela agora a obtivera. Tinha vinte e sete anos e jamais fora bela. Sabia, portanto que tivera sorte. A circunstância menos agradável era a surpresa que aquilo devia causar a Elizabeth Bennet, de cuja amizade ela precisava mais do que a de qualquer outra pessoa. Elizabeth ficaria espantada e provavelmente a censuraria. (AUSTEN, 1982, p. 116)

Mr. Collins, clérigo e marido de Charlotte era um homem considerado culto, com jeitos e trejeitos de superioridade perante outros seres, que não Lady Catherine, sua filha ou outro indivíduo que possuísse um status socialmente elevado. Acreditamos que Mr. Collins era extremamente preconceituoso e, assim como maior parte da sociedade da época, acreditava que a mulher deveria saber claramente seu lugar na sociedade, como mãe, filha e esposa, nada mais. Collins acreditava piamente que a inferioridade da mulher também se estabelecia em seu intelecto. Pensamos que a personagem acreditava que quando era concedido o direito de leitura para a mulher, essa deveria somente ler livros destinados a ela como normas e regras sociais a serem seguidas. Normas estas, como previamente abordamos, que eram sempre escritas por homens.

Mas Mr. Collins, muito ofendido, pôs o livro de lado e disse:  
 — Já observei como as meninas se interessam pouco por livros sérios, escritos, aliás, para o seu benefício. Confesso que isto me espanta, pois certamente nada pode haver de mais vantajoso para elas do que a instrução. Mas não importunarei mais a minha jovem prima.  
 Em seguida, virando-se para Mr. Bennet, ofereceu-se para parceiro de gamão. Mr. Bennet aceitou o desafio, observando que ele fazia bem em deixar as meninas se ocuparem com as suas futilidades. (AUSTEN, 1982, p. 69)

Ainda sobre Mr. Collins, notamos que a posição que a personagem adotou, perante a fuga de Lydia com Mr. Wickham reforça novamente a idéia que muitos, na época, detinham com relação à vergonha e inadequação dos atos de uma filha perante a família. Collins não menciona Wickham ou a culpa conjunta com a de Lydia no ocorrido, somente condena a atitude da menina e consente que sua morte seria melhor do que a vergonha social desencadeada pelo “crime” que cometera.

“Desejo consolá-lo nesse transe, que deve ser, de todos, o mais duro para o coração de um pai. A morte da sua filha seria uma bênção em comparação com o que sucede agora [...]estou inclinado a acreditar que as tendências da sua filha devem ser naturalmente perversas. Sem o que, ela jamais seria capaz de cometer tão grande crime com tão pouca idade [...]Permita que o aconselhe, pois, meu caro senhor, a se consolar a si próprio o mais que puder, a expulsar para sempre a sua filha indigna da sua afeição, e deixá-la colher os frutos do seu odioso crime”. (AUSTEN, 1982, p. 258)

Anteriormente abordamos, que dentre os acontecimentos que giram em torno da cidade de Hertfordshire, há a vinda do aristocrata Fitzwilliam Darcy e seu grande amigo Charles Bingley. Darcy é, primeiramente, considerado um homem arrogante e orgulhoso, porém muito culto e rico. Bingley, no entanto, é um homem gentil e carismático, igualmente rico.

Bingley confiava cegamente na força dos sentimentos de Darcy, e tinha a mais alta opinião acerca de suas idéias. Em inteligência Darcy era superior. Bingley não era de modo nenhum deficiente em força mental, mas Darcy era mais vivo. Era ao mesmo tempo altivo, reservado, desdenhoso, e suas maneiras, apesar de bem-educado, eram pouco convidativas. A esse respeito, o amigo levava grande vantagem: Bingley tinha a certeza de agradar, onde quer que aparecesse. Darcy estava sempre ofendendo os outros. (AUSTEN, 1982, p. 21)

No desenvolvimento da trama, Bingley se apaixona por Jane Bennet e Darcy por Elizabeth; no entanto, Austen infere as inúmeras objeções acerca do relacionamento e união desses dois casais. Darcy, ao se dar conta da inteligência e capacidade de Elizabeth, passa a enxergá-la com outros olhos e, no final da trama, supomos que ele a enxergue como a uma igual; alguém que o desafie e que esteja constantemente se renovando por meio da leitura, instigando o mundo e as pessoas ao seu redor. Acreditamos que a história romântica, observada nos dois principais casais da narrativa, que Austen desenvolve possa ser o gancho do qual a autora se utiliza para enquadrar e embasar o romance; seria a “isca” que atrai o público a partir das histórias de amor para outros problemas fortemente enraizados: a família, sociedade, dinheiro, educação/instrução intelectual e a mulher.

Ocupada em observar as atenções de Mr. Bingley para com a sua irmã, Elizabeth estava longe de suspeitar que estava se tornando o objeto de algum interesse aos olhos do amigo de Mr. Bingley. A princípio, Mr. Darcy nem sequer tinha concordado com os que achavam que ela era bonita. Olhara-a no baile sem admiração. E da outra vez em que se encontraram, fitara a moça apenas para criticá-la. Mas logo que declarara a si mesmo e aos amigos que Elizabeth não possuía um só traço agradável no rosto, começou a achar que a bela expressão dos seus olhos negros dava àquele rosto um ar excepcionalmente inteligente. (AUSTEN, 1982, p. 25)

Elizabeth, por sua vez, se encanta, por curto período, por Mr. Wickham, que é descrito pela autora como o aparente homem ideal. Ao longo da trama descobrimos que Wickham é um homem sem caráter e que, apesar de ter tido uma educação invejável, não tirou bom proveito dela. A afeição e carinho de Elizabeth por Wickham se esvaem aos poucos, especialmente quando descobre o real caráter de seu admirador, um homem sem escrúpulos que se utiliza da mentira para, de maneira fácil, atingir seu intento. Poderíamos supor que Wickham simbolizaria um homem limitado para Elizabeth, um ser que se deixa levar facilmente pelas emoções e não faz bom uso do intelecto para progredir como um homem honesto e dono de si mesmo.

We noticed Elizabeth's self-deception, her lack of any serious feelings for this handsome young officer about whom, as she is to realize later, she knows nothing at all. [...] Jane Austen has deliberately and obviously made Mr. Wickham a stock character in order to point Elizabeth's central moral weakness, that she does not take life seriously. [...] His stereotyped charm confers no individual feelings and invokes no personal obligations. [...] Elizabeth has allowed herself to be taken in by a style which she can recognize so clearly later as stale affectation because she views the very artificiality of her connection to Mr. Wickham as an assurance of freedom<sup>38</sup>. (MORGAN, 1975, p. 63)

Como propusemos anteriormente, Elizabeth, dentre as irmãs e círculo de amizade, em vários fragmentos da obra, é retratada como uma personagem que questiona se existe uma mulher capaz de possuir todas as qualidades esperadas por uma mulher da época: uma mulher culta, que: saiba falar idiomas modernos; entenda de música, de estilo e ainda tenha carisma e expressão que a favoreçam. Acreditamos que a própria Austen se revele através de Elizabeth: “Nenhuma delas tem muito o que se lhes recomende — respondeu Mr. Bennet. — São tolas e ignorantes como as outras moças. Mas Lizzy é realmente um pouco mais viva do que as irmãs” (AUSTEN, 1982, p. 10).

Também percebemos e sugerimos, que em vários trechos da obra Austen denuncia os abusos que a mulher sofria, colorindo-os com ironia e humor, nas entrelinhas. A mulher era constantemente lembrada da condição inferior, seja ela de cunho familiar ou social, assim como era lembrada de sua “insuficiência” e vazio

<sup>38</sup> Percebemos a decepção de Elizabeth, sua falta de quaisquer sentimentos sérios por este belo jovem oficial sobre quem, como ela perceberá mais tarde, não sabe nada a respeito. [...] Jane Austen deliberadamente e, obviamente, faz de Mr. Wickham uma personagem com o intuito de apontar a fraqueza moral central de Elizabeth, que ela não leva a vida seriamente [...] Seu charme estereotipado não confere sentimentos individuais e não invoca obrigações pessoais. [...] Elizabeth permitiu-se ser levada por um estilo que ela pôde reconhecer claramente mais tarde como antiquada afeição porque ela vê a própria artificialidade de sua conexão com Mr. Wickham como uma garantia de liberdade.

intelectual; a sociedade a preparava e esperava dela exatamente aquela inexistência de revolta.

Mr. Collins ouviu o que ela dizia, com ar de quem estava decidido a seguir as suas próprias inclinações, e quando ela cessou de falar respondeu da seguinte forma:

— Minha cara Miss Elizabeth, tenho o maior respeito pela sua opinião em tudo o que se refere a assuntos da sua competência, mas permita-me dizer-lhe que existe uma larga diferença entre as fórmulas de cerimônia usadas pelos leigos e aquelas que regulam as relações com as pessoas do clero. Dê-me licença de observar que eu considero o mister sacerdotal equivalente em dignidade aos mais altos titulares do reino, desde que ao mesmo tempo se mantenha a devida humildade de conduta. Permita-me pois seguir os ditames da minha consciência e realizar o que considero um dever. Perdoe-me menosprezar os seus conselhos, que em todas as demais circunstâncias eu consideraria como um precioso guia. Mas no caso presente eu me acho mais capaz, pela educação e pelo estudo, de julgar o que é direito e o que é errado, do que uma jovem como a senhora. (AUSTEN, 1982, p. 93)

Percebemos na obra, que as Bennets não seguem tão avidamente todas as regras e condutas sociais, assim como Austen em sua vida privada. As filhas tinham certa liberdade para fazer o que gostavam e o que queriam, mas eram extremamente cobradas socialmente e muitas vezes excluídas por não seguirem essas “doutrinas” estabelecidas. Um bom exemplo disso é a conversa que Elizabeth tem com Lady Catherine em Rosings, a qual fica abismada com a educação que Elizabeth e suas irmãs não tiveram, assim como fica ofendida com a maneira tão aberta e sem escrúpulos com que Elizabeth trata do assunto.

Sabe tocar piano e cantar, Miss Bennet?

— Um pouco.

— Então, um dia destes precisa nos dar este prazer. [...] As suas irmãs também sabem tocar e cantar?

— Uma delas sabe.

— Por que as outras também não aprenderam? Deviam todas saber música. As senhoritas Webbs todas sabem tocar. E o pai delas não tinha tanto rendimento quanto o seu. Sabe desenhar?

— Não, senhora.

— O quê? Nenhuma de vocês?

— Nenhuma.

— Isto é muito curioso. Mas com certeza não tiveram oportunidade. Sua mãe devia ter levado vocês todas as primaveras para a cidade, para tomar lições.

— Minha mãe não faria objeção a isto, mas meu pai detesta Londres.

— A sua governanta foi despedida?

— Nós nunca tivemos governanta.

— Nunca tiveram governantas? Como é possível! Educar cinco filhas sem uma governanta! Nunca ouvi tal coisa! Sua mãe deve ter ficado escravizada à educação de vocês!

Elizabeth não pôde deixar de sorrir ao responder que este não fora o caso.

— Então quem ensinou a vocês? Quem se encarregou da sua educação? Sem uma governanta, ela deve ter sido relaxada.

— Em comparação com a de certas famílias, acredito que sim. Mas lá em casa, às meninas que quiseram aprender nunca lhes faltou meios para isto. Sempre nos encorajaram a ler e tivemos todos os professores necessários. Mas às que preferiram não estudar foi-lhes feita a vontade.

— Sem dúvida, mas isto é justamente o que uma governanta teria evitado. Se eu tivesse conhecido a sua mãe, eu a teria aconselhado com muita insistência a que tomasse uma governanta. (AUSTEN, 1982, p. 151)

A partir do excerto observamos como eram alguns dos hábitos e expectativas de uma típica família aristocrata, tradicional da Inglaterra que perdurou por muitos séculos, assim como seu contraste para com a família e os hábitos aos quais Elizabeth estava acostumada. Passamos a conhecer um pouco como de era a educação das moças da casa, assim como de seus gostos e preferências. As Bennets, como já dissemos, eram um tanto quanto diferentes das famílias tradicionais da época, possuíam liberdade para fazer o que mais gostavam, assim como liberdade de expressão. Podemos afirmar que Elizabeth e suas irmãs foram muito afortunadas e possuíam uma situação e um ambiente educacional um tanto quanto privilegiado, pois como a própria fala de Elizabeth evidencia, “lá em casa, às meninas que quiseram aprender nunca lhes faltou meios para isto. Sempre nos encorajaram a ler e tivemos todos os professores necessários” (AUSTEN, 1982, p. 151). Julgamos que Austen retrata o esboço de um ideal de educação e liberdade que tinha ou imaginava para si mesma e as demais mulheres de seu tempo.

### 3.3 ELIZABETH BENNET: COM ORGULHO, MAS SEM PRECONCEITO

Woman’s power of self-transformation, her home of magic and infinite change, associate her with a literary dream in which personality and eternity meet. Her grand incarnation in character types enables her to incarnate character itself, the nineteenth century’s most potent vision of humanity made perpetual<sup>39</sup>. (AUERBACH, 1984, p. 9)

A partir do fragmento acima iniciamos nossa discussão acerca da figura contestadora e intelectual de Elizabeth Bennet. Como propusemos anteriormente, julgamos ser Elizabeth uma personagem diferente, de caráter forte e marcante porque estabelece objetivos e luta por eles mesmo sendo uma mulher em um cenário de transição do século XVIII para o XIX. Na sociedade patriarcal do início do século XIX,

---

<sup>39</sup> O poder de auto transformação da mulher, sua casa de magia e infinita mudança, a associa com um sonho literário, no qual personalidade e eternidade se encontram. Sua encarnação em tipos de personagem possibilitam que ela encare o próprio caráter. A visão mais potente do século XIX sobre a humanidade se fazendo perpetuar.

onde, como já observamos as mulheres não possuíam ampla participação social pública e nem direitos, tinham um papel legado às sombras do papel masculino, assim como uma educação historicamente e intencionalmente deficiente. Tencionamos, para tanto, neste trabalho discutir sobre como e porque a personagem de Elizabeth Bennet se sobressai em sua busca por liberdade intelectual, social e de espírito.

Alguma das suas irmãs mais moças já foi apresentada à sociedade, Miss Bennet?

— Sim, minha senhora, todas.

— O quê? As cinco de uma vez? É muito estranho. E você é apenas a segunda! As mais moças já frequentam a sociedade antes de as mais velhas se casarem! Suas outras irmãs são muito moças?

— A mais moça ainda não fez dezesseis anos. Talvez seja um pouco cedo demais para fazer vida social. Mas realmente, minha senhora, acho que seria uma crueldade recusar-lhes a sua parte de distrações e sociedade só porque a mais velha não teve os meios ou a inclinação para se casar mais cedo. As mais moças têm os mesmos direitos aos prazeres da mocidade que as mais velhas. E trancá-las em casa creio que não seria um bom meio de promover a afeição fraternal ou a delicadeza de sentimentos.

— Sob minha palavra — disse Lady Catherine —, você dá a sua opinião muito decididamente para uma pessoa de tão pouca idade. Diga-me, quantos anos tem?

— Com três irmãs mais moças já crescidas — replicou Elizabeth —, Vossa Senhoria não pode esperar que eu lhe dê uma resposta.

Lady Catherine pareceu ficar atônita com a resposta e Elizabeth suspeitou que ela tinha sido a primeira pessoa que já ousara fazer pouco de uma tão pomposa impertinência. (AUSTEN, 1982, p. 151)

Do excerto acima percebemos a maneira com que Elizabeth fala sobre sua família, expressando uma opinião crítica e voraz daquilo que considerava como sendo certo. Por mais que estivesse em diálogo com Lady Catherine, Elizabeth não deixava a aristocrata impor ou estabelecer sua opinião como verdade ou regra. Pensamos que Elizabeth, com relação à família, podia encontrar totalmente o oposto do que buscava para si mesma. O único modelo no qual a heroína podia se espelhar seria o pai. Porém, mesmo assim percebia que as atitudes e comportamento de Mr. Bennet não eram de fato exemplares. Podemos supor, portanto, esse como um dos motivos pelos quais Elizabeth recusava com tanta vivacidade o matrimônio ou a união baseada em outros fatores que não a razão.

Se as opiniões de Elizabeth se originassem do exemplo dado pela sua própria família, a sua idéia de felicidade conjugal e de conforto doméstico não poderia ser das mais lisonjeiras. Seu pai, cativado pela mocidade, beleza e aparência de bom humor que a juventude em geral confere às mulheres, tinha se casado com uma pessoa de débil compreensão e de idéias estreitas; muito pouco tempo depois do casamento, esses defeitos haviam extinto toda a

afeição sincera que tinha por ela. O respeito, a estima, a confiança se tinham desvanecido para sempre. E todos os seus anseios de felicidade doméstica foram destruídos. (AUSTEN, 1982, p. 210)

Como já evidenciamos, Elizabeth não aceita ideias que pareçam totalmente absurdas aos próprios ouvidos. A heroína muitas vezes não rompe com a maioria das regras sociais. Porém, percebemos que o fato de possuir um caráter contestador, de impor suas vontades, como na recusa do pedido de noivado a Mr. Collins, e na efervescente exposição de idéias, contraria o socialmente estabelecido ou aceitável por muitos, na época em que ocorre a história. No excerto a seguir, encontramos o diálogo entre as irmãs Bennet, no qual Elizabeth reforça a opinião que tem sobre a figura de Mr. Collins e Charlotte Lucas quando anunciam o futuro casamento.

Minha querida Jane, Mr. Collins é um homem tolo, pomposo, pretensioso e de idéias estreitas. Você sabe que ele é tudo isto tão bem quanto eu. E você deve sentir como eu que uma mulher que se casar com ele não pode ter uma visão muito justa das coisas. Você não há de querer defendê-la só porque ela é Charlotte Lucas. Você não pode, por causa de um caso individual, mudar o sentido das palavras "bom senso" e "integridade", nem procurar persuadir a si mesma ou a mim que o egoísmo é a prudência e a insensibilidade diante do perigo, certeza de felicidade. (AUSTEN, 1982, p. 126)

Elizabeth ao utilizar-se da objetividade e clareza nas maneiras e atitudes impõe e estabelece suas ideias. A heroína é capaz de articular argumentos e mostrar sagacidade de conhecimento sobre eles, sentindo-se muito orgulhosa por isso. No fragmento abaixo avistamos um diálogo entre Elizabeth e Mr. Darcy, que tentava apreender a atenção de Elizabeth.

— Que pensa dos livros? — disse ele, sorrindo.  
 — Livros? Estou certa de que não lemos os mesmos livros. E nunca os encaramos com os mesmos sentimentos.  
 — Sinto que diga isto, mas se este é o caso pelo menos não haverá falta de assunto. Podemos comparar as nossas opiniões.  
 — Não, não quero falar em livros num salão de baile. Minha cabeça está cheia de outras coisas.  
 — Sempre a preocupa o que está acontecendo em torno de si, não é? — disse ele, com uma expressão de dúvida.  
 — Sim, sempre — replicou ela, sem saber o que dizia, pois o seu pensamento tinha voado para longe. (AUSTEN, 1982, p. 90)

Elizabeth é acusada de ir contra o próprio sexo devido às próprias ideias acerca do papel desempenhado e das atitudes das mulheres de seu convívio. A heroína não acredita que exista de fato uma mulher completa. Ousamos supor ainda que Elizabeth

ridiculariza, utilizando-se da ironia e humor, essas mulheres que vivem de aparências e não se dão o devido valor, mulheres, diferentemente de Elizabeth, que buscam somente conquistar um homem e se entregar ao casamento: a perda da liberdade, algo que para nossa heroína simboliza o fim. No excerto abaixo há o diálogo entre Mr Bingley, Miss Bingley, Mr Darcy e Elizabeth, nele são ilustradas algumas das surpresas de Mr. Bingley, com relação aos afazeres com que muitas moças se ocupam. Há também o pensamento de Mr. Darcy, que propõe uma mulher, que além de possuir todas as qualidades elencadas por Bingley, deve adquirir o gosto pela leitura intensa. Nesse diálogo as moças, Miss Bingley e Elizabeth, também apresentam suas idéias, que são opostas, uma vez que a primeira acredita na mulher completa e seu dever substancial para com o homem, a segunda a nega por completo.

— Espanta-me a capacidade que têm as moças de se tornarem tão prendadas — disse Bingley.

— Todas as moças são prendadas! Meu caro Charles, que quer dizer com isto?

— Sim, todas desenham mesas, forram biombos e fazem bolsas de tricô. Não conheço uma só moça que não saiba fazer todas estas coisas. E nunca ouvi mencionar o nome de uma moça pela primeira vez sem que me informassem que era muito prendada.

[...]

— Oh, certamente — exclamou a sua fiel aliada. — Nenhuma mulher pode ser realmente considerada completa se não se elevar muito acima da média. Uma mulher deve conhecer bem a música, deve saber cantar, desenhar, dançar e falar as línguas modernas, a fim de merecer esse qualificativo, e além disso, para não o merecer senão pela metade, é preciso que possua um certo quê na maneira de andar, no tom da voz e no modo de exprimir-se.

— Sim, deve possuir tudo isso — acrescentou Darcy. — E acrescentar ainda alguma coisa mais substancial: o desenvolvimento do espírito pela leitura intensa.

— Já não me espanto de que conheça apenas seis mulheres completas, espanto-me é de que conheça alguma.

— Julga com tanta severidade o seu sexo, que duvida da possibilidade de tudo isto?

— Eu nunca vi uma mulher assim. Nunca vi tanta capacidade de aplicação, gosto e elegância reunidas numa só pessoa. (AUSTEN, 1982, p. 41)

Morgan (1975), ao comentar sobre a impertinência de Elizabeth, afirma que esse é um dos motivos pelo qual gerações de leitores a admiraram e a admiram. A autora reitera que esse seria o porquê de reconhecermos que a maior preocupação da obra de Austen é para com as possibilidades e responsabilidades de liberdade e expressão do pensamento. A autora ainda reforça que *Orgulho e Preconceito* explora o especial significado da liberdade e conclui que Austen admite, através de sua ficção,

que a relação entre uma personagem e a realidade pública cotidiana é de uma vez por todas problemática e necessária.

— Eliza Bennet — disse Miss Bingley, assim que a porta se fechou — é uma dessas moças que procuram se fazer valer aos olhos das pessoas do outro sexo falando mal do seu próprio; e muitos homens se deixam enganar por isto. Mas, na minha opinião, é um estratagema muito baixo.

— Sem dúvida — replicou Darcy, a quem se dirigia a observação principalmente —, existe baixeza em todos os estratagemas que as senhoras às vezes condescendem em empregar para cativar. Tudo o que tem afinidade com a astúcia é desprezível. (AUSTEN, 1982, p. 42)

Morgan (1975) constata que observamos Elizabeth enquanto ela se move de uma crença em sua própria lógica para uma interpretação mais fluida de conhecimento e inteligência em termos de contexto e particularidades, as quais informam a verdade. A estudiosa também confirma que no momento em que aprendemos a entender que a importância de tal movimento não estaria em nossas esperanças de estar certos, mas em nossas esperanças por sermos livres. O excerto abaixo ilustra a fala de Miss Bingley, caracterizando o sentimento de liberdade de algumas das muitas amarras sociais que Elizabeth não queria para si. Nossa heroína queria ser independente e muitos dos comentários sobre sua aparência ou atitudes somente reforçavam seu desejo de liberdade.

— Andar três ou quatro milhas, ou cinco milhas, ou lá o que seja, com os tornozelos metidos na lama, e sozinha, inteiramente sozinha! Que significa isto? Parece-me mostrar um conceito abominável de independência, uma indiferença toda campestre à mais elementar decência. (AUSTEN, 1982, p. 39)

Notamos que Elizabeth é uma moça que possui um caráter forte; que não se deixa levar nem abalar por opiniões que possam impedi-la de obter aquilo que deseja. Percebemos também que as próprias mulheres a sua volta, em especial as irmãs de Mr. Bingley a odiavam, de certa forma, por ser livre. Elizabeth não se prendia a tantas amarras sociais como aquelas o faziam e atraía cada vez mais os olhares de Darcy por esse aspecto particular de sua natureza.

Em Meryton as moças se separaram. As duas mais jovens se dirigiram para a residência da esposa de um dos oficiais e Elizabeth continuou sozinha, atravessando campo após campo, pulando cercas e saltando por sobre poças d'água, com impaciência, e afinal encontrou-se a pouca distância da casa, com os tornozelos doídos, as meias sujas e o rosto corado pelo exercício.

Foi introduzida numa sala de almoço onde todos estavam reunidos, com exceção de Jane. O seu aparecimento causou bastante surpresa. Mrs. Hurst e Miss Bingley acharam incrível que ela tivesse caminhado três milhas tão cedo, com tanta umidade e sozinha; e Elizabeth ficou convencida de que elas a desprezaram por isto. Receberam-na, entretanto, muito amavelmente; quanto ao irmão dessas senhoras, havia nas suas maneiras mais do que simples polidez; havia bom humor e bondade. Mr. Darcy falou pouco e Mr. Hurst não disse nada. O primeiro estava em dúvida sobre se devia admirar as belas cores que o exercício emprestara ao rosto da moça ou refletir que o motivo talvez não justificasse a sua vinda sozinha, de tão longe. O segundo pensava apenas no seu almoço. (AUSTEN, 1982, p. 36)

Morgan (1975) esclarece que o principal objeto de estudo de Austen, na conexão entre inteligência e liberdade, estaria imerso no enredo de uma história de amor e, que a maioria dos acontecimentos nessa história de amor já seria diferente da grande maioria de romances românticos da época. A autora relembra que Darcy, em grande parte da obra, se preocupa mais com Elizabeth do que consigo mesmo. Elizabeth, no entanto, não faz o mesmo.

Mrs. Hurst cantou com a irmã e, enquanto isto, Elizabeth, que folheava cadernos de música que estavam sobre o piano, não pôde deixar de observar que os olhos de Mr. Darcy se voltavam freqüentemente na sua direção. Não podia supor que fosse um objeto de admiração para um homem tão importante. No entanto, achava ainda mais estranho que ele a estivesse olhando por antipatia. Acabou imaginando, entretanto, que o que lhe atraía a atenção era algo errado e repreensível que existia na sua pessoa, e que contrastasse, aos olhos de Mr. Darcy, com as qualidades dos outros presentes. A suposição não a penalizou. Darcy lhe era indiferente demais para que desejasse a sua aprovação. (AUSTEN, 1982, p. 52)

Percebemos na obra, e Morgan (1975) reforça a ideia, de que a gratidão e a crescente afeição de Elizabeth por Darcy são inseparáveis de seu crescimento intelectual, se levarmos em consideração que Darcy alimentava em Elizabeth sua fome de conhecimento, sua voracidade pelo desafio e contraposição de ideias, assim como sua surpresa e constantes indagações acerca do verdadeiro caráter e emoções de Darcy.

— Está falando a respeito de seus sentimentos no caso presente? Ou imagina que está justificando os meus?

— As duas coisas — replicou Elizabeth, maliciosamente. — Já notei que temos grandes semelhanças de espírito. Ambos somos de feitio anti-social, taciturno, e não gostamos de falar senão para dizer alguma coisa capaz de causar assombro a toda a sala e ser transmitida à posteridade com o brilho de um provérbio.

— Estou certo de que isto é uma imagem muito fiel do seu próprio caráter — disse ele. — Mas não posso dizer até que ponto seja do meu. Sem dúvida a senhora acha que é uma descrição fiel?

— Não devo julgar a minha própria argúcia. (AUSTEN, 1982, p. 89)

Morgan (1975) afirma que Austen procura definir liberdade e inteligência conectando emoções, conhecimento parcial e verdades incompletas acerca de algo. A autora esclarece que pelo conceito de liberdade devemos compreender que ele não está no fato de Elizabeth fazer ou dizer somente aquilo que bem entende, desafiando as regras sociais, mas está sim na liberdade de se tornar envolvida, pertencente a algo maior. A estudiosa ressalta que por este motivo, a educação e instrução de Elizabeth se enquadrariam, mais apropriadamente, em uma história de amor.

— Existem certamente pessoas assim — replicou Elizabeth. — Mas espero que eu não seja uma delas. Espero nunca ridicularizar o que é sábio e bom. Loucuras e absurdos, manias e inconsistências, de fato me divertem. E rio delas quando posso. Mas isto, penso eu, são precisamente coisas de que o senhor carece.

— Talvez seja impossível para qualquer um mas sempre me esforcei por evitar estas fraquezas, capazes de expor ao ridículo uma grande inteligência.

— Tais como a vaidade e o orgulho.

— Sim, a vaidade é de fato uma fraqueza, mas o orgulho pode ser bem controlado, quando existe uma verdadeira superioridade de inteligência.

Elizabeth se virou para esconder um sorriso [...] Darcy, depois de refletir um instante, conformou-se com isto. Começava a sentir o perigo que havia em prestar demasiada atenção a Elizabeth. (AUSTEN, 1982, p. 58)

A inteligência para Morgan (1975) com relação à Elizabeth está intrinsecamente conectada com os assuntos do coração, a personagem acredita que seu entendimento, inteligência e percepção, dependem do fato de ela possuir um caráter independente. A autora ressalta que Elizabeth quer mais do que tudo ser uma inteligente observadora de seu mundo. “Elizabeth accepts her new freedom, its boundaries, its uncertainties, and its hope<sup>40</sup>”. (MORGAN, 1975, p. 68) No excerto abaixo há a insistência, por parte de Mr. Collins, em seu pedido de casamento. Ele não aceita a idéia de que Elizabeth o rejeitou. Elizabeth sabe muito bem o que quer e, de fato, reforça seu pensamento e opinião, Mr Collins, no entanto, pensa que a recusa se deve a uma mera convenção social.

— Digo-lhe sinceramente — exclamou Elizabeth — que a sua esperança me parece extraordinária depois da minha declaração. Asseguro-lhe que não sou dessas moças, se é que existem, que cometem a ousadia de arriscar a sua felicidade confiando nas possibilidades de um segundo pedido. Minha recusa é perfeitamente séria. O senhor não me poderia tornar feliz. E estou convencida de que sou a última mulher do mundo capaz de fazê-lo feliz. Creio até que se a sua amiga Lady Catherine me conhecesse me acharia sob todos esses aspectos mal qualificada para essa situação [...] — Asseguro-lhe que não tenho quaisquer pretensões a esta espécie de elegância, que consiste

<sup>40</sup> Elizabeth aceita sua nova liberdade e as barreiras, incertezas e esperanças desta liberdade.

em torturar e atormentar um homem respeitável. Prefiro que me dê a honra de acreditar na minha sinceridade. Repito os meus agradecimentos pela grande honra que me deu, mas é-me inteiramente impossível aceitá-lo. Todos os meus sentimentos o impedem. Posso falar mais claramente: não me considere uma mulher elegante que tem a intenção de atormentá-lo, mas uma criatura racional, falando a verdade do coração [...]— Mas pode ficar certo, Mr. Collins — acrescentou ela —, de que Lizzy será levada a adotar uma atitude mais sensata. Falarei com ela pessoalmente. É unia menina teimosa e não sabe quais são os seus próprios interesses. Mas eu farei com que ela os reconheça.

— Perdoe a minha interrupção, minha senhora — exclamou Mr. Collins —, mas se ela é realmente teimosa e tola não sei se neste caso será realmente uma esposa desejável para um homem na minha situação, que naturalmente procura a felicidade no casamento. Se portanto ela persistir na sua recusa, talvez fosse melhor não forçá-la a aceitar-me, pois se ela é sujeita a essas variações de gênio não poderia contribuir muito para a minha felicidade. (AUSTEN, 1982, p. 102)

De acordo com Morgan (1975), Darcy oferece a Elizabeth um entendimento de moral e afeto de si mesma, o que seria uma visão clara por conta do envolvimento da própria personagem Darcy, para com Elizabeth. Reconhecer esse envolvimento e apreciá-lo seria o sentimento recíproco que une os dois.

Elizabeth começou a compreender então que Mr. Darcy era o homem que mais lhe convinha, tanto pelo temperamento como pelas qualidades. O gênio, embora diverso do seu, correspondia a todos os seus desejos. Essa união teria sido vantajosa para ambos. A espontaneidade e a naturalidade de Elizabeth contribuiriam para suavizar o espírito dele, e melhorar-lhe também as maneiras. Ela, por sua vez, receberia um benefício ainda maior com a segurança do seu julgamento e a sua experiência do mundo. (AUSTEN, 1982, p. 271)

Do excerto acima percebemos que Elizabeth aceita Darcy compreendendo as vantagens que uma possível aliança poderia trazer a ambos e, em especial, a ela. Acreditamos que o amor que Elizabeth sente por Darcy ao final foi totalmente lapidado por diversos outros acontecimentos, que acima de tudo, envolvem a inteligência e o conhecimento de mundo. Imaginamos que a heroína somente foi capaz de aceitar a idéia do envolvimento com o sexo oposto no momento em que estava certa de que essa união lhe proporcionaria a manutenção e segurança de seu crescimento intelectual. O seu pai está também seguro disso, o que fica claro quando ele dá o consentimento acerca do casamento entre Elizabeth e Darcy. Um consentimento que ele não daria para nenhum outro homem que fosse de um valor menor que o de sua querida filha.

— Lizzy — respondeu Mr. Bennet —, já dei o meu consentimento. Ele é realmente um desses homens a quem eu nunca recusaria alguma coisa que ele condescendesse em pedir. E agora torno a lhe dar o meu consentimento, se a

isto está decidida. Mas aconselho-a a pensar melhor. Conheço o seu gênio, Lizzy, penso que jamais você seria feliz e equilibrada a não ser que estime realmente o seu marido, a não ser que possa considerá-lo como o seu superior. Sua vivacidade e inteligência a colocariam numa situação de grande perigo num casamento desigual. Ser-lhe-ia difícil salvar a sua reputação e a sua felicidade. Minha filha, não me dê o desgosto de vê-la impossibilitada de respeitar o seu companheiro de vida. Você não sabe a seriedade do passo que está dando. (AUSTEN, 1982, p. 326)

Quando questionada por Lady Catherine sobre suas intenções de Elizabeth para com seu sobrinho, Elizabeth defende seu direito de ir e vir com unhas e dentes, indo contra as regras de nascimento e o casamento arranjado, tradicionalmente instituído nas famílias mais abastadas. Para a heroína, ela pode ser tão bem vista quanto qualquer outra dama, cujo pai teve educação e, assim como qualquer outro ser humano, exige seu direito de resguardo e omissão de informações, as quais afirma, um tanto quanto rispidamente, não serem assuntos dos quais Lady Catherine tenha o direito de saber.

— Qualquer que seja a situação deles — respondeu Elizabeth —, se o seu sobrinho não faz objeção a isto, não sei em que isto lhe pode interessar [...] Permita-me dizer-lhe, Lady Catherine, que os argumentos com que procurou justificar este extraordinário pedido foram tão frívolos quanto o pedido, ele mesmo, foi insensato. A senhora se engana redondamente acerca do meu caráter se pensa que possa ser influenciada por persuasões desta natureza. Não sei até que ponto o seu sobrinho permite que a senhora se imiscua nos negócios dele, mas a senhora não tem o menor direito de interferir nos meus. Peço-lhe, portanto que não me importune mais a respeito deste assunto. (AUSTEN, 1982, p. 307)

— No presente caso, nem o dever, nem a honra, nem a gratidão têm quaisquer direitos sobre mim. Nenhum desses princípios será violado pelo meu casamento com Mr. Darcy. E, quanto à consideração ou ressentimento da sua família, ou a indignação do mundo, admitindo que eu a merecesse por este casamento, nada disto me daria a menor preocupação. E além disso as pessoas em geral têm bastante bom senso para desprezar os outros por motivo tão fútil. (AUSTEN, 1982, p. 309)

De acordo com Morgan (1975) Elizabeth não manipula e nem age como uma heroína conscientemente. Em vez disso, afirma que a personagem entende-se como uma observadora, uma testemunha esclarecida e perspicaz acerca de tudo que é ridículo e divertido nos outros. A autora esclarece que Elizabeth, com frequência, se posiciona de maneira desinteressada como se fosse alguém assistindo a uma cena sem de fato participar dela.

— A senhora não se sente inclinada a aproveitar esta oportunidade para dançar? — perguntou ele.

Ela sorriu, porém não disse nada. Ele repetiu a pergunta, um pouco espantado com o silêncio dela.

— Oh — disse Elizabeth —, ouvi o que perguntou antes, mas não pude determinar imediatamente o que deveria responder. O senhor queria que eu o fizesse afirmativamente para ter o prazer de desprezar as minhas preferências; mas eu sempre gosto de perturbar essas estratégias e roubar às pessoas o lance que premeditam. Resolvi portanto responder-lhe que não desejo absolutamente dançar; e agora despreze-me, se ousar. (AUSTEN, 1982, p. 53)

Do excerto acima observamos o diálogo entre Darcy e Elizabeth. Já percebemos o entrosamento crescente entre os dois, que supera o preconceito e dá espaço para a admiração e a “ousadia”. Cabreira (2012) reforça o fato de que reler as entrelinhas da história e verificar o quanto foi mascarada seria uma função de nossa época, seria a própria urgência pela vida que nos faz colocar esta questão em pauta e discuti-la das mais variadas formas; seja através da educação, da religião, da política, nos tornamos instrumentos da reconstrução de nosso meio, das possibilidades que ainda nos restam para fazê-lo. Como nosso estudo discute a algumas questões com relação à educação da mulher e de nossa heroína, no excerto abaixo evidenciamos, novamente, o quanto o fator inteligência adquiriu importância ao longo da obra e da relação de Elizabeth e Darcy.

— Minha beleza, você a tinha negado desde o princípio. E quanto às minhas maneiras, meu comportamento para com você sempre beirou a falta de educação. E quase sempre, quando me dirigia a você, era com o intuito de feri-lo. Agora seja sincero: foi por causa da minha impertinência que me admirou?

— Pela vivacidade da sua inteligência, sim.

— É melhor chamar logo de impertinência. Era pouco menos. O fato é que estava farto de amabilidades, deferências e atenções. Sentia-se enojado com as mulheres que falavam, agiam e pensavam com o único fito de conquistá-lo. Despertei a sua atenção porque era tão diferente delas. Se você não fosse realmente bom, teria me odiado. (AUSTEN, 1982, p. 329)

Morgan (1975) propõe que nossa heroína faz mais do que rir, ela é capaz de dar créditos à Charlotte por seus arranjos domésticos na mesma medida em que se diverte com os absurdos de Mr. Collins. Elizabeth simpatiza com o sofrimento de Jane, assim como condena a inteligência imprópria e maldosa de seu pai. Morgan (1975) conclui que as observações de Elizabeth, assim como o grau que as utiliza são, basicamente, seu charme, esse senso de si mesma, de permanecer a parte de uma situação e observar a vida.

Confirmamos que as observações que Elizabeth faz no percurso da obra estão longe de ser irresponsáveis ou limitadas, ao contrário das de seu pai. Elizabeth cresce e

se transforma, pois aprende com seus preconceitos e defeitos, e ao aceitá-los e reconhecê-los demonstra seu maior grau de “inteligência”.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do presente estudo concluímos que ao longo da história humana, inúmeros episódios poderiam ser marcados como importantes, dentre os mais pertinentes para nosso trabalho, estão as revoluções, francesa e industrial, que em conjunto com outros, foram o estopim para que as mulheres se insurgissem como seres humanos defensores de seus direitos e espaço. As mulheres tiveram que transpassar inúmeras barreiras em diversos aspectos e, talvez o que tenha lhes trazido maior liberdade tenha sido a possibilidade de uma educação formal. Apesar de ser um processo que se desenrole até hoje, colhemos os frutos das lutas de tantas mulheres que não tinham nem sequer a liberdade de escrever ou ler sobre suas próprias lutas e crenças.

Presenciamos as lutas feministas e os entraves do sexo oposto, que estabelecia normas e regras a serem seguidas. Por muito tempo houve a desvalorização do feminino, que segundo Cabreira (2012), “esconderia a supervalorização do racional, do concreto, assim como do aparente, daquilo que torna a sociedade estéril, fraca e sem motivos para avaliar e repensar os caminhos que lhe são oferecidos” (CABREIRA, 2012, p 47).

Através de mulheres e escritoras como Jane Austen, o século XIX pôde ser, a nosso ver, mais do que revolucionário, foi o século do descobrimento. A mulher presenciou em si mesma e através de suas personagens o quanto queria ser vista e reconhecida. Assim como Austen, a personagem Elizabeth foi contra alguns bons ditames que constantemente a lembravam de sua condição inferior. “Elizabeth Bennet, witty, self-confident, with those dancing eyes, and not quite beautiful face, depicts for us all that is flawed and irresistible about real people.”<sup>41</sup> (MORGAN, 1975, p.1) A personagem mais querida de Austen poderia simbolizar todos os desejos e vontades da mulher de seu tempo, que queria ser livre; livre para fazer suas escolhas, livre para viver sua própria vida, seu mundo próprio.

Confirmamos, portanto, que o fator instrução-educação é relevante e recorrente na sociedade, na vida, obra e personagens de Jane Austen, uma mulher ícone dos

---

<sup>41</sup>Elizabeth Bennet, espirituosa, auto-confiante, com aqueles olhos dançantes e um rosto não necessariamente bonito, representa para todos nós aquilo que é falho e irresistível nas pessoas reais.

séculos XVIII e XIX da Inglaterra. Acreditamos que Austen escreveu sobre heroínas cuja ambição ia além de encontrar um marido que as sustentasse e protegesse. Sugerimos sim, uma mulher dona de si mesma, que apesar de não romper drasticamente com os valores e regras sociais vigentes, percebeu que através da educação poderia obter um grau de igualdade ou superioridade perante os homens, causando estranhamento ou admiração por parte desses. Por mais que não identifiquemos, claramente, como foi a educação de Elizabeth, percebemos que a personagem, na medida de seu interesse, teve um acesso considerável aos estudos através de um tutor ou professor. O que permanece clara é sua paixão por livros e a conexão com o pai, que apesar de todas as faltas, anteriormente salientadas, tinha igual paixão pelos livros e sua adorável Lizzy.

Pensamos que ao passar seus valores e vontades de educação-instrução para sua heroína Elizabeth, Austen revigora o íntimo de seu público leitor. A chama do conhecimento, incitada pelo iluminismo, provocou no homem o conhecimento de si mesmo, mas também provocou na mulher a ânsia por aquilo que sempre lhe fora negado. “Liberté, Égalité, Fraternité” foi o slogan da Revolução Francesa, mas também fora o basta de que muitas mulheres precisavam para encontrar em si mesmas a coragem necessária para lutar por seus direitos.

Aqui também poderíamos considerar como Darcy representaria um olhar masculino diferente em sua época, o olhar que apesar de ‘preconceituoso e orgulhoso’ no início, acaba por reconhecer um tipo de mulher que está além de regras sociais e tradições estreitas; uma mulher que incorpore novos padrões de pensamento e comportamento sem que isso lhe tire o respeito ou que a coloque no papel de rival intelectual e pessoal. No século XIX, talvez esse tenha sido o grande diferencial de Austen, pois ela traz à tona aquilo que a sociedade necessitava; reconhecer que a mulher pode ser considerada mais do que um objeto “vazio”, que pode ser considerada como um indivíduo em sua inteireza. Na verdade, é isso que Darcy reconhece em Elizabeth, a mulher se torna “uma igual”, apesar das diferenças de gênero, sociais, educacionais, etc. Daí o final ser transformador, o “orgulho” e o “preconceito” dão lugar ao “respeito” e à “admiração” pelo outro e aquilo que representa e é em sua essência.

Podemos inferir que Elizabeth Bennet foi muito mais do que uma heroína de mais um romance romântico. Para nós, Elizabeth, assim como Austen, foi e ainda é, a representação do mais íntimo desejo feminino perante uma sociedade desde os

primórdios dominada por homens. Ambas, a nosso ver, significam a vontade feminina, que apesar de tantas impossibilidades e limitações, conseguiu transpor e ser reconhecida por sua vontade e igualdade de ideias e inteligência intelectual para com os homens, como alavanca de reconhecimento e, acima de tudo, felicidade e contentamento pessoal. “Sou a criatura mais feliz do mundo. Talvez outras pessoas já o tenham dito antes, mas não com tanta justiça. Sou mais feliz até do que Jane. Ela apenas sorri e eu rio” (AUSTEN, 1982, p. 331).

## REFERÊNCIAS

AMARO, Berta. S. de O. **Sou Somente o Lugar: o espaço da mulher na cultura contemporânea**. 2009. 128f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Comunicação) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2009. Disponível em <<https://repositorio.uac.pt/handle/10400.3/755>> . Acesso em: 21 fev. 2013.

AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

\_\_\_\_\_. **Pride and Prejudice**. London: Penguin Books Ltd, 1994.

\_\_\_\_\_. **Sense and Sensibility**. London: Penguin Books Ltd, 1994.

\_\_\_\_\_. **Mansfield Park**. London: Penguin Books Ltd, 1994.

\_\_\_\_\_. **Emma**. London: Penguin Books Ltd, 1994.

\_\_\_\_\_. **Northanger Abbey**. London: Penguin Books Ltd, 1994.

\_\_\_\_\_. **Persuasion**. London: Penguin Books Ltd, 1994.

AUERBACH, Nina. **Woman and the Demon: The Life of a Victorian Myth**. London: Harvard University, 1984.

BARCHAS, Janine. **Fighteenth-Century Studies**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2000.

CABREIRA, Regina. H. U. **A Condição Feminina em Sociedade. Uma Releitura de A Letra Escarlata de Nathaniel Hawthorne**. São Paulo: Blucher, 2012.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CHRISSOCHOIDIS, Ilias. **Handel, Hoghart, Goupy: Artistic Intersections in Early Georgian England**. Oxford: Oxford University Press, 2009.

COPELAND, Edward; McMASTER, Juliet. **The Cambridge Companion to JANE AUSTEN**. 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

FOLKENFLIK, Robert. **Eighteenth-Century Studies**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 37. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

HART, Michael H. **As 100 Maiores Personalidades da História**. 6. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

HOBBSAWM, Eric J. **A Era das Revoluções: 1789-1848**. 10. ed. London: Abacus UK, 1997.

HOGAN, David. **The Market Revolution and Disciplinary Power: Joseph Lancaster and the Psychology of the Early Classroom System**. V 29. N3 . History of Education Society. 1989. Disponível em < <http://www.jstor.org/stable/368910>> Acesso em: 25 ago. 2013.

IGLÉSIAS, Francisco. **A Revolução Industrial**. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

FLORENZANO, Modesto. **As Revoluções Burguesas**. 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

LEARY, Patrick. **Victorian Periodicals Review**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2008.

MILL, John S. **The Subjection of Women**. Pennsylvania: Pennsylvania State University, 2006.

MORAIS, Flávia, D.C. **A Evolução da Modernidade na Filosofia e na Literatura: a Literatura Vitoriana como tradução moralizante no ensino de uma época**. 1999. 145f. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. 1999.

MORGAN, Susan. **Intelligence in “Pride e Prejudice”**. 1975. p 54-68. vol. 73. Chicago: The Chicago University Press. Aug. 1975. Disponível em

<<http://www.jstor.org/discover/10.2307/436104?uid=3737664&uid=2&uid=4&sid=21101739200603>> Acesso em: 07 mar. 2013.

PERROT, Michelle; DUBY, Georges. **História das Mulheres: O Século XIX**. v.4 Porto: Afrontamento, 1991.

PERROT, Michelle. **As Mulheres ou Os Silêncios da História**. Bauru: EDUSC, 2005.

RAMOS, Maria, B. **O Mito de Adão e Eva Revisitado: acerca do masculino e do feminino na cultura da nação**. 2001. 67f. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – Departamento de História, Santa Catarina, 2001. Disponível em <<http://www.journal.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/560/9834>> . Acesso em: 21 fev. 2013.

RODRIGUES, Ana Patrícia A. F. **O Despertar da Consciência Cívica Feminina: Identidade e Valores da Pedagogia Feminina de Finais do Século XVIII. Os Casos de Mary Wollstonecraft, Catharine Macaulay e Hannah More**. 2011. 176f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade de Lisboa - Departamento de Estudos Linguísticos, Lisboa, 2011. Disponível em <<http://repositorio.ul.pt/handle/10451/71111>>. Acesso em: 21 fev. 2013.

ROGERS, Rebecca. **MARÉCHAL Sylvain. *Projet d'une loi portant défense d'apprendre à lire aux femmes (1801) suivi des réponses de Marie-Armande Gacon-Dufour et Albertine Clément-Hémery* / MARÉCHAL Sylvain, *Projet d'une loi portant défense d'apprendre à lire aux femmes***. Paris: *Revue française de pédagogie* [En ligne], 2007. Disponível em: <<http://rfp.revues.org/871>>. Acessado em: 30 ago. 2013.

SCOTT, Joan W. **A Cidadã Paradoxal. As Feministas Francesas e os Direitos do Homem**. Florianópolis: Mulheres, 2002.

SHOWALTER, Elaine. **A Literature of Their Own: British Women Writers from Charlotte Brontë to Doris Lessing**. London: Virago, 2011.

SIMKIN, John. **Spartacus Educational**. London: Spartacus Educational Publishers Ltd, 1997. Disponível em: <<http://www.spartacus.schoolnet.co.uk/>> Acesso em: 30 ago. 2013.

SIMMONS, John. **Os 100 Maiores Cientistas da História. Uma Classificação dos Cientistas Mais Influentes do Passado e do Presente**. Rio de Janeiro: Diefel, 2002.

STEPHANSON, Raymond. **Eighteenth-Century Life**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2007.

VIEIRA, Paulo H; TOLEDO, Cezar de A. A. **O Tema do Calvinismo nos Manuais de História da Educação**. S/A. 11f. Universidade Estadual de Maringá, S/A. Disponível em:<[http://www.faced.ufu.br/columbe06/anais/arquivos/90PauloHenriqueVieira\\_CezarArnautToledo%20.pdf](http://www.faced.ufu.br/columbe06/anais/arquivos/90PauloHenriqueVieira_CezarArnautToledo%20.pdf)> Acesso em: 26 ago. 2013.

VILELA, Thuinie M; JUNIOR Armando D. **“O Cientificamente Comprovado”**: Reflexões Sobre a Autoridade da Ciência na Sociedade Contemporânea. Francisco Beltrão: Revista Faz Ciência – UNIOESTE, 2005.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **A Vindication of the Woman. A Vindication of the Rights of Men**. Oxford: Oxford University Press, 1999.